

Relatório

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

21 de Janeiro de 2012

Educação para o Desenvolvimento nas Escolas



Índice_

Introdução	4
Enquadramento	5
Programa	7
Intervenções	9
Sessão de Abertura	9
”As escolas e a Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento”	18
Práticas de ED nas Escolas - Painel 1	22
Práticas de ED nas Escolas - Painel 2	33
Recursos Pedagógicos: que critérios de utilização em ED?	43
Sessão de Encerramento	47
Grupos de Trabalho	50
Metodologia	50
Pré-escolar/1º ciclo	51
2º Ciclo – Grupo de Trabalho 1	52
2º Ciclo – Grupo de Trabalho 2	53
3º Ciclo	55
Secundário – Grupo de Trabalho 1	56
Secundário – Grupo de Trabalho 2	57
Avaliação	59
Conclusão / Recomendações para o Futuro	61
Anexos	64

Introdução_

As II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento decorreram na Fundação Calouste Gulbenkian, no dia 21 de Janeiro de 2012 reunindo 139 participantes de todo o país – professores e professoras de todos os níveis de educação e ensino, técnicos e membros das ONG – num processo de informação e debate sobre “Educação para o Desenvolvimento nas Escolas”.

O presente relatório pretende dar a conhecer o contexto em que estas Jornadas foram organizadas, as principais intervenções efetuadas, a reflexão realizada nos 6 Grupos de Trabalho e as principais conclusões e recomendações para o futuro.

O documento inicia-se com o enquadramento deste evento e com a apresentação do programa de trabalhos, seguindo-se uma compilação de todas as intervenções realizadas e a reflexão que teve lugar nos 6 Grupos Trabalho, incluindo os materiais apresentados e respetivas conclusões. Por último, inclui-se uma síntese das avaliações dos participantes, facilitadores e comissão organizadora e um conjunto de Conclusões/recomendações, que decorreram das intervenções e dos debates efetuados, reunindo algumas pistas de trabalho para o futuro.

Gostaríamos também de aproveitar esta oportunidade para agradecer a todos os participantes desta segunda edição das Jornadas de ED, a todos os oradores pelos seus testemunhos, a todos os facilitadores que permitiram a dinamização dos Grupos de Trabalho e a todos os que permitiram que as Jornadas fossem bem-sucedidas.



Enquadramento

1. As II Jornadas no âmbito da ENED

A realização das Jornadas de Educação para o Desenvolvimento (ED) está contemplada no Plano de Ação da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED). A Estratégia, que foi aprovada pelo despacho nº 25931/2009 do Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação e do Secretário de Estado Adjunto e da Educação, publicado em Diário da República, a 26 de Novembro de 2009, constituiu o culminar de um processo, que teve início em maio de 2008, e que envolveu diversas instituições públicas e organizações da sociedade civil relevantes neste domínio.

Dando continuidade ao processo participativo, as Jornadas de ED visam o aprofundamento de questões concetuais, temáticas ou metodológicas, através de promoção de mostras de materiais e recursos educativos, em contextos favoráveis à troca de experiências e à reflexão, reconhecendo e consolidando os caminhos percorridos e abrindo perspetivas para ações futuras.

2. Tema: Educação para o Desenvolvimento nas escolas

Como tema das segundas Jornadas de ED, a Comissão de Acompanhamento da ENED, constituída pelo IPAD, DGE, Plataforma Portuguesa das ONGD e CIDAC, propôs a "Educação para o Desenvolvimento nas Escolas", relacionado com o Objetivo 2 da Estratégia. Esta opção deveu-se ao facto de se constatar a existência de um número significativo de recursos educativos já elaborados e disponíveis e de um interesse crescente por parte das escolas e dos docentes na Educação para o Desenvolvimento.

Considerou-se, assim, que seria oportuno e pertinente proceder à divulgação e reconhecimento das melhorias, significativas, verificadas nas práticas de ED nas escolas, constituindo estas, no âmbito das

II Jornadas, uma base de reflexão metodológica sobre as formas de intervenção no ensino formal.

3. Objetivos

3.1 Divulgar e reconhecer as práticas de ED, nos diferentes domínios da ENED, relativos à Educação Formal;

3.2 Promover a reflexão sobre a ED nas práticas educativas e nos projetos educativos de escola.

4. Públicos prioritários

- Docentes dos vários níveis de educação e ensino e das diversas áreas curriculares.

- Organizações da sociedade civil que colaboram com docentes e escolas na área da ED e da Educação para a Cidadania Global.

5. Modalidade

Encontro com a duração de um dia – 21 de janeiro – incluindo comunicações, apresentação de experiências de intervenção em escolas, apresentação de recursos educativos, grupos de trabalho, momentos de reflexão e debate.

Convite a uma perita internacional, responsável de um Centro de Recursos não-governamental em Viena, que apoia professores/as em atividades de Educação para a Cidadania Global (Tipologia de Atividades do Plano de Ação da ENED 5.1.2)

Promoção de uma mostra de materiais e recursos pedagógicos durante as Jornadas (Tipologia de Atividades do Plano de Ação da ENED 5.1.1.).

6. Programa

Os temas dos 6 painéis corresponderam às 6 Medidas do Objetivo 2 da Estratégia, permitindo obter uma ideia de ações concretizadas no

âmbito de cada uma. A medida 2.2., relativa à elaboração de materiais pedagógicos e de materiais didáticos, foi aprofundada, através da apresentação do início da tarde e dos trabalhos de grupo.

7. Comissão Organizadora

- IPAD – atual Camões — Instituto da Cooperação e da Língua, I. P.
- Direção-Geral da Educação (DGE)
- Plataforma Portuguesa das ONGD
- Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral (CIDAC)

Programa_

9h00 - Receção das e dos participantes

9h15 - Abertura das Jornadas

Manuel Correia – Presidente do IPAD

Margarida Abecassis – Representante da Fundação Calouste Gulbenkian

Liam Wegimont – Representante da Global Education Network Europe (GENE)

Fernando Egídio Reis – Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário

10h15 - "As escolas e a Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento"

Luísa Nunes – DGDIC - Membro da Comissão de Acompanhamento da ENED

10h30 - Práticas de ED nas Escolas - Painel 1

- Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

“Medida 2.3. - Promoção de trabalho colaborativo entre os estabelecimentos de educação e ensino e formação e entidades públicas e privadas que intervêm em ED.”

António Lírio – EB 2/3 Amadeo Souza Cardoso – Agrupamento de Escolas Amadeo Souza Cardoso - Amarante

- A formação contínua de professores e a qualidade das práticas de ED

“Medida 2.4. - Desenvolvimento da formação contínua para profissionais de educação e formação e outros agentes educativos,

e sensibilização dos e das responsáveis pela gestão dos agrupamentos de escolas e junto das comunidades educativas.”

Ana Isabel Lopes – Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo - Leiria

- Debate

11h15 - Pausa

11h45 - Práticas de ED nas Escolas - Painel 2

- A ED como âncora nos Projetos Educativos de escola
“Medida 2.6. - Criação de condições para a afirmação das escolas e agrupamentos como organizações de educação para a cidadania que inclua a dimensão do desenvolvimento.”

Rosa Beliz – E/B Sebastião da Gama – Agrupamento de Escolas de Estremoz

- A integração da ED na Formação Inicial de professores
“Medida 2.1. - Integração da ED na formação inicial que profissionaliza para a função docente.”

La Salette Coelho – Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

- O desenvolvimento de estudos sobre ED como contributo para a qualidade das ações

“Medida 2.5. - Promoção de trabalho de investigação sobre ED nas instituições de ensino superior em relação com pares internacionais do Norte e do Sul.”

Maria Helena Salema – Instituto de Educação – Universidade de Lisboa

- Debate

13h00 – Pausa para almoço

14h30 – Recursos Pedagógicos: que critérios de utilização em ED?

Heide Tebbich - Baobab Global Educational Resource Centre
(Viena)

15h15 – Recursos pedagógicos: que critérios presidiram à sua elaboração?

Grupos de Trabalho, organizados por ciclo escolar

16h00 – Pausa

16h20 – Partilha de Conclusões dos Grupos de Trabalho

17h00 – Encerramento

Hermínia Ribeiro – Presidente da Plataforma das ONGD

Inês Rosa – Vice-presidente do IPAD

Intervenções_

Sessão de Abertura

Manuel Correia – Presidente do IPAD

Exmo. Senhor Diretor-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular,
em representação de Sua Excelência a Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, Professora Isabel Leite,

Exmo. Senhor Diretor do GENE – Global Education Network Europe,

Exma. Senhora Representante da Fundação Calouste Gulbenkian,

Caros participantes,

Caros amigos e caras amigas,

Bom dia,

Antes de mais, gostaria de dar as boas-vindas e agradecer o interesse manifestado pelos presentes. É de registar que recebemos inscrições de todo o país, do Minho ao Algarve. E, muito em particular, de docentes dos diferentes graus de ensino. Este é um claro sinal da vitalidade da Educação para o Desenvolvimento nas escolas portuguesas.

Para o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento é, assim, uma honra e uma grande satisfação, estar associado a este evento, na qualidade de membro da Comissão Organizadora das Jornadas e da Comissão de Acompanhamento da Estratégia Nacional de Educação

para o Desenvolvimento, que integra também a Plataforma Portuguesa das Organizações Não Governamentais de Desenvolvimento, o CIDAC e o Ministério da Educação e Ciência, através da Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Em novembro de 2009, foi publicado o documento de orientação da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento, aprovado por despacho governamental conjunto dos Senhores Secretários de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação e da Educação. No seguimento, em 22 abril de 2010, várias instituições públicas e organizações subscreveram o Plano de Ação da Estratégia através de protocolo.

Sucedo que Plano de Ação da Estratégia prevê a realização anual das Jornadas de Educação para o Desenvolvimento. Trata-se de uma iniciativa de carácter estruturante e transversal, que tem por finalidade o aprofundamento de uma questão conceptual, temática ou metodológica.

Nestas segundas Jornadas, foi seleccionada a temática da “Educação para o Desenvolvimento nas escolas”. Propomo-nos dar um contributo para divulgar e reconhecer as práticas de Educação para o Desenvolvimento nos diferentes domínios da Estratégia relativos à Educação Formal. Propomo-nos ainda promover a reflexão sobre a Educação para o Desenvolvimento nas práticas educativas e nos projetos educativos de escola.

Caros amigos e caras amigas,

Para concluir, gostaria de agradecer a todas as pessoas e organizações envolvidas na preparação e realização das Jornadas e, muito em especial:

- à Fundação Calouste Gulbenkian, na pessoa da Dra. Margarida Abecasis, pelo envolvimento ativo no processo de elaboração e implementação da Estratégia de Educação para o Desenvolvimento e pela gentileza da

cedência das instalações;

- ao GENE, na pessoa do Professor Liam Wegimont, que teve a amabilidade de corresponder favoravelmente ao convite e de se deslocar de Dublin a Lisboa para participar nas Jornadas, por todo o apoio que tem vindo prestado à causa da Educação para o Desenvolvimento e da Educação Global em Portugal; e

- à Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, na pessoa do Professor Fernando Egídio Reis, pelo comprometimento na Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento e pela disponibilidade manifestada.

Declaro abertas as II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento.

Margarida Abecasis – Representante da Fundação Calouste Gulbenkian

Exmo. Senhor Diretor-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, em representação de Sua Excelência a Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, Professora Isabel Leite,

Exmo. Senhor Diretor do GENE – Global Education Network Europe,

Exmo. Senhor Presidente do IPAD,

Em nome da Fundação Gulbenkian quero, em primeiro lugar, dar-lhes as boas vindas para este dia de trabalho tão importante.

De facto, estas Jornadas agregam dois fatores extremamente interligados e integrados:

Educação;

Desenvolvimento.

Desenvolvimento num momento tão especial em que tudo é posto em causa e em que as certezas do passado não mais constituem garantias para o futuro; no entanto, há um elemento chave que importa considerar – o desenvolvimento é a base sólida e robusta para a melhoria das condições de vida das populações;

Educação como fator primordial do desenvolvimento; estudos apontam para o facto de os países com mais rápidas taxas de crescimento serem também os que apresentam maiores crescimento das taxas de literacia e um aumento da taxa de literacia de 20 a 30 % está associado a um crescimento do PIB nacional de 8 a 16%.

Nesta perspetiva, reveste-se da maior importância a formação de professores como um dos principais veículos impulsionadores

e transmissores de informação e conhecimentos para os jovens, sensibilizando e informando sobre as questões do desenvolvimento. O envolvimento de professores e das escolas nesta área, são, assim, elementos cruciais numa estratégia de educação para o desenvolvimento.

De salientar o relevante papel que o IPAD, a par de outras entidades, tem desempenhado no nosso país, na conceção e implementação de uma estratégia nacional de educação para o desenvolvimento, procurando de uma forma estruturada e coerente, integrar um conjunto diversificado de ações e atividades nesta matéria.

A Fundação Calouste Gulbenkian, reconhecendo a importância fundamental do tema em causa, tem procurado apoiar o desenvolvimento desta estratégia, contribuindo através do suporte a diversas iniciativas levadas a cabo por diferentes entidades, de que estas Jornadas são bem o exemplo.

Resta-me desejar que este dia, em que um número tão grande de pessoas e entidades aderiram prescindindo de um merecido dia de descanso, constitua uma excelente oportunidade de reflexão e tomada de decisões relativamente à Educação para o Desenvolvimento.

Liam Wegimont - Representante do Global Education Network Europe (GENE)

“A Estratégia Nacional portuguesa...no contexto das tendências na Educação para o Desenvolvimento na Europa”¹

Exmo. Senhor representante da Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, Exmo. Senhor Presidente do IPAD,

Exma. Senhora representante da Fundação Calouste Gulbenkian,

Senhoras e Senhores,

Caros Educadores,

Bom dia,

Começo por agradecer ao IPAD, ao Ministério da Educação e Ciência, ao CIDAC e à Plataforma Portuguesa das ONGD o convite para participar nas Jornadas. É uma honra estar aqui, em representação do GENE – Global Education Network Europe; para partilhar algumas reflexões sobre a Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED) portuguesa, no contexto das tendências europeias em Educação para o Desenvolvimento, para lançar um olhar sobre o futuro, e para deixar uma nota de sustentada esperança no quadro das presentes crises.

Introdução

Nesta breve comunicação, proponho-me:

- Caracterizar, sumariamente, o contexto atual da Educação Global na Europa;

1) Tradução para português não revista pelo autor.

- Em tom um pouco a contracorrente, apresentar as razões que me levam a ter, em geral, uma visão crítica sobre a proliferação de estratégias nacionais, sendo, no entanto, um entusiasta da estratégia nacional portuguesa (e de outras estratégias nacionais), em particular;

- Realçar algumas das áreas onde a estratégia nacional portuguesa é, particularmente, exemplar (e verdadeiramente um modelo para outros países);

- Lançar um olhar sobre o futuro, com a identificação de alguns desafios e de algumas áreas carecidas de apoio.

Antes de prosseguir, quero dar conta do meu historial profissional e académico. Sou diretor de uma grande escola pública em Dublin, na Irlanda. Trata-se de uma escola que está a caminho de colocar a Educação para o Desenvolvimento no centro de tudo o que faz, e que, nos últimos 7 anos, lançou mão da Educação para o Desenvolvimento para transformar a aprendizagem, o ensino e os processos de melhoria da escola no seu todo². Sou, ainda, consultor da direção do GENE - Global Education Network Europe – uma rede de Ministérios e Agências de vários países europeus comprometidos com o avanço da qualidade na Educação Global e na Educação para o Desenvolvimento; sou, também, investigador na Universidade de Erlangen Nurnberg, na Alemanha. Fui responsável pelo departamento de Educação Global no Centro Norte-Sul do Conselho de Europa, em Lisboa. Tenho estado envolvido em Educação Global, como professor, desde o início da década de 90 do século passado. Igualmente, enquanto professor, procuro refletir sobre o modo como a Educação para o Desenvolvimento transfigurou a minha atividade docente e o meu próprio processo de aprendizagem.

2) “A Escola Mount Temple. está comprometida .com uma educação de excelência e inclusiva para o desenvolvimento sustentável e para a justiça global” (in Projeto Educativo da Escola). Vide www.mounttemple.ie

Olhando para o passado e para o futuro: tendências na Educação Global na Europa nos últimos 20 anos

Se olharmos para os últimos 20 anos, deparamo-nos com uma transformação vigorosa do panorama da Educação Global e da Educação para o Desenvolvimento. O contexto alterou-se, totalmente, e, sem pretender ser aqui exaustivo³, é possível identificar, claramente, algumas das principais mudanças:

- Enquadramentos políticos europeus reforçados;
- Uma abordagem baseada nos direitos e no acesso universal;
- O aumento do número de estratégias e estruturas nacionais;
- O comprometimento estratégico crescente por parte dos governos nacionais;
- Uma integração crescente das questões de Educação para o Desenvolvimento e de Educação Global nos planos curriculares;
- Uma articulação crescente entre os atores do setor e destes com atores doutros setores;
- Um incremento considerável do volume total de financiamento alocado a nível nacional;
- Uma ênfase numa avaliação apropriada, com modelos de avaliação centrada nos resultados emergentes, provenientes dos domínios da Cooperação para o Desenvolvimento e da Educação Global;
- Uma base conceptual e de investigação fortalecida.

3) Para mais informação sobre o quadro geral, vide Wegimont, L. “European perspectives in Global Education” in Lang-Wojcek, G. (ed) A pocket Encyclopaedia of Global Learning. Waxmann, Frankfurt, a editar em 2012. Para mais informações sobre países específicos, vide www.gene.eu e, em particular, os relatórios dos Peer Reviews.

A nível europeu, é patente que começa a impor-se uma maior articulação entre a Comissão Europeia e os governos nacionais. É também claro que a Educação para o Desenvolvimento funciona melhor quando prevalece um forte compromisso político e financeiro por parte dos Ministérios de Negócios Estrangeiros e das respetivas agências e departamentos competentes; mas também quando é adotada, progressivamente, uma perspectiva de parceria com os Ministérios da Educação e as agências e departamentos que lhe concernem.

A Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED) portuguesa – Qualidade e Exemplaridade

É, igualmente, manifesto que, num número crescente de países europeus, têm vindo a ser elaboradas estratégias nacionais. O apelo à elaboração de estratégias nacionais nesta matéria foi apresentado, pela primeira vez, no Congresso de Maastricht, em 2002. Alguns organismos internacionais, redes de ONG e outros continuam a apelar à elaboração de estratégias nacionais em todos os países. Ora, o GENE não subscreve esta posição. Na minha visão pessoal, sucede que há alguns países onde nem sequer é apropriado elaborar uma estratégia nacional. E devo acrescentar que a qualidade de uma estratégia não é garantida só pelo facto de ser elaborada num quadro de envolvimento de múltiplos detentores de interesses. Na verdade, o GENE encoraja a elaboração de estratégias nacionais de qualidade, mas, unicamente, em situações onde o contexto nacional é propício.

Dito isto, tenho de admitir que sou um admirador da Estratégia portuguesa. O que não se deve, unicamente, ao facto de ter sido gentilmente convidado pelo IPAD e pelos demais parceiros para acompanhar o processo de elaboração, em nome do GENE; e, com isso, ter tido a oportunidade de aprender bastante com o processo português, aprendizagem que acabei por partilhar com outros países. A minha condição de admirador da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED) portuguesa deve-se, também, a um conjunto de razões que se prendem com o conteúdo e o processo de

elaboração.

Vou-me limitar a referir três dessas razões:

- Em certas áreas das políticas públicas, vigoram estratégias confusas, em virtude da falta de clareza no que toca aos seus fundamentos conceptuais, o que acaba por as tornar contraproducentes. A base conceptual da Estratégia Nacional Portuguesa e o processo que permitiu alcançar este quadro conceptual evidenciam a solidez das suas fundações. Ora, isto é exemplar para outros países, e é também o resultado da aprendizagem com as experiências de alguns outros (Áustria, Espanha, etc.);
- Em diversas áreas, confrontámo-nos com estratégias débeis, por falta de apropriação, não só por parte dos atores não estatais e das organizações da sociedade civil, mas, também, em certas ocasiões, de uma forma ainda mais prejudicial, por parte de outros ministérios, agências e departamentos públicos. Creio que a abordagem de parceria e o processo inclusivo adotados pela Estratégia permitem evitar o perigo descrito, através da inclusão inequívoca no processo de todos os Ministérios, agências e departamentos públicos relevantes;
- O acompanhamento e a avaliação: por vezes, uma estratégia nacional, independentemente da área, pode revelar-se como frágil neste aspeto específico, ou pode procurar recorrer a modelos de avaliação desajustados. Ora, a Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento portuguesa é robusta no processo e no propósito de acompanhamento e avaliação. O que é um bom augúrio para uma execução bem-sucedida.

Olhando para o futuro

Na Europa, há cada vez mais países a desenvolver estratégias nacionais que adotam aquilo que eu designo por “uma abordagem baseada nos

direitos e no acesso universal”. Isto é, estratégias que têm no horizonte o dia em que todas as pessoas do país terão acesso a uma Educação Global de qualidade. Como é que tal pode ser atingido?

Eu argumentaria que, a nível nacional, este desiderato só poderá ser alcançado, nos exatos termos em que os atores portugueses estão aqui hoje a procurar fazê-lo. Adotando uma abordagem que procura integrar a Educação para o Desenvolvimento em todos os planos curriculares, na formação de professores e nos projetos educativos das escolas. Aproveito ainda a oportunidade, para deixar outro exemplo: recentemente, o Conselho Nacional de Educação finlandês, juntamente com o Ministério da Educação da Finlândia e o GENE, promoveram um colóquio centrado nas competências para a cidadania global e no processo de reforma curricular, em Hanaasari, próximo de Helsínquia. Para o Ministério da Educação da Finlândia, as Conclusões Hanaasari sustentam que:

- A educação deve colocar a Educação Global (ou a Educação para o Desenvolvimento) no centro do processo de aprendizagem, se pretende ser considerada como educação de qualidade;
- A Educação Global tem um papel crucial no aperfeiçoamento do sistema educativo nacional, na preparação dos planos curriculares, na formação de professores, na melhoria da prática escolar e da cultura de aprendizagem e no desenvolvimento dos contextos educativos.

Como é que isto pode ocorrer a nível local? Através de eventos como este, começamos a reconhecer que a Educação Global e a Educação para o Desenvolvimento não constituem, simplesmente, mais uma opção extra ou mais um programa complementar para as escolas; mas, antes, uma necessidade. O ensino e a aprendizagem no século XXI requerem que a Educação Global ou a Educação para o Desenvolvimento estejam no centro dos nossos esforços. Sem Educação para o Desenvolvimento não há educação de qualidade.

Como é que tal pode ser conseguido neste tempo em que vivemos? Através de intervenções de financiamento estratégicas com dinheiro da ajuda pública ao desenvolvimento (APD), tal como aquele que tem vindo a ser desembolsado pelo IPAD nos últimos anos, através de intervenções estratégicas de ONG em cooperação com as agências e departamentos governamentais; e, sempre, em parceria com os Ministérios da Educação e com as instituições educativas. Que é o que se verifica nestas Jornadas: estão aqui todos os atores-chave. O que é magnífico.

Palavras finais

Nos dias que correm, poderá pensar-se que esperar por um compromisso mais profundo nesta matéria se afigura algo ingénuo. No entanto, olhando-se para as tendências de financiamento da Educação Global e da Educação para o Desenvolvimento em vários países europeus, nos anos mais recentes, constata-se que, não obstante o contexto de orçamentos mais reduzidos para a ajuda pública ao desenvolvimento em certos países, os níveis de financiamento da Educação Global e da Educação para o Desenvolvimento têm vindo a ser mantidos e, em alguns casos, aumentados.

Porquê? Dado que, longe de ignorar as atuais crises e a par doutras pessoas, incluindo pessoas dos campos das relações internacionais, da tecnologia global e doutros, eu argumentaria que:

- As crises globais financeira, ambiental, política, de segurança humana e económica apontam para a necessidade de reforço da literacia económica global, da solidariedade e da compreensão da opinião pública relativamente ao modo como funciona o mundo (ou não funciona);
- Existe um reconhecimento internacional crescente quanto à necessidade de uma resposta educativa a estas realidades, e quanto à necessidade da Educação Global e da Educação para o Desenvolvimento; e as verbas alocadas pelos Ministérios dos Negócios Estrangeiros

carecem de ser ajustadas à política, programação, planos curriculares e recursos humanos dos Ministérios da Educação.

O GENE espera poder continuar a partilhar experiências e, em especial, espera poder partilhar com outros países a aprendizagem obtida com os sucessos da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento portuguesa. Enquanto organização internacional, o papel do GENE não é comentar os atuais níveis de financiamento da Educação para o Desenvolvimento de qualquer dos Estados participantes; todavia, é nossa tarefa promover uma análise comparativa dos referidos níveis; e temos a esperança que, no futuro, o nível de financiamento em Portugal possa vir a ser comparado favoravelmente com os níveis de outros países e possa vir a estar em sintonia com o progresso do país até à data. Com efeito, seria uma boa notícia que os níveis de financiamento pudessem vir a refletir a força da Estratégia Nacional, mesmo neste período de reais dificuldades financeiras. O GENE vê com expectativa o peer review a Portugal, sendo de referir que os correspondentes termos de referência foram já acordados e que o processo teve já o seu arranque. Uma vez que esta é também uma oportunidade para dar o devido destaque às boas práticas de Portugal, a partir das quais outros países na Europa poderão fazer a sua aprendizagem.

Para concluir, confesso-me um lusófilo, mas não um lusofonista. Sei que é arriscado citar traduções de poetas nacionais, visto que o contexto se pode perder pelo caminho. Sei também que há pessoas com uma visão muito crítica em relação ao papel de Portugal no passado. Assim sendo, espero que me perdoem, mas penso que, pelo menos, no que respeita à Educação para o Desenvolvimento, o bom trabalho de Portugal, até à data, no que se refere à Estratégia, deve ser enaltecido. Ora, confrontei-me com uma tradução de Camões, que julgo ser oportuno citar:

“...Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas é também razão que, no Ponente,

Dum Lusitano um feito inda vejais,
Que, de seu Rei mostrando-se agravado,
Caminho há de fazer nunca cuidado”

(Lusíadas, Canto X, estrofe 138)

Eupartilho com outros, no universo da Educação para o Desenvolvimento, a ideia da exemplaridade da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento portuguesa, que é uma outra forma de fazer caminho pelo mundo. Dirigindo-me a vós, educadores de crianças, jovens e adultos, deixo os meus votos de boa sorte no exercício concreto da Educação para o Desenvolvimento, que, no fim de contas, tem que ver com formar o olhar e o espírito dos portugueses, “abrindo a porta ao vasto mar patente”.

Muito obrigado.

Fernando Egídio Reis – Diretor-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, em representação de Sua Excelência a Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário

Dra. Margarida Abecassis, representante da Fundação Calouste Gulbenkian, que acolhe as II Jornadas na Fundação;

O Senhor Presidente do Instituto de Apoio ao Desenvolvimento, Prof. Manuel Correia;

E Prof. Liam Wegimont, representante da Global Education Network Europe (GENE).

Gostaria de agradecer, em nome da Senhora Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, Professora Doutora Isabel Leite, o convite feito pelos organizadores para participar nesta sessão de abertura das II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento, subordinadas ao tema “Educação para o Desenvolvimento nas Escolas”.

O Ministério da Educação e da Ciência congratula-se com a realização das II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento e agradece a oportunidade de se dirigir aos professores e organizações presentes referindo as atuais linhas de orientação.

A Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento, da qual o MEC é subscritor, constitui uma importante resposta aos compromissos assumidos por Portugal no âmbito das organizações internacionais (Nações Unidas, Conselho da Europa, União Europeia e Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE)) e tem o mérito de estabelecer uma referência para todas as organizações da sociedade civil e do estado para, num clima de diálogo interinstitucional, se potenciarem as diversas intervenções.

A Educação para o Desenvolvimento evidencia a necessidade de alargar o conceito de cidadania numa sociedade cada vez mais confrontada com um processo de globalização que se traduz pelos novos processos de comunicação, pela dinâmica global dos mercados, pelos intensos fluxos migratórios e pela consideração de instâncias judiciais internacionais, com ênfase na observância da Declaração dos Direitos Humanos. Assim, o conceito de cidadania não se restringe hoje aos vínculos de pertença de uma comunidade nacional, implicando e responsabilizando também cada indivíduo relativamente à diversidade de condições de vida nas diversas regiões do mundo.

O currículo das escolas portuguesas contempla a Educação para a Cidadania de forma relevante considerando-a como componente transversal, ou seja, a Educação para a Cidadania está presente em todas as disciplinas e áreas do currículo. Nesta perspetiva a Educação para o Desenvolvimento constitui uma das dimensões da Educação para a Cidadania.

Como é do conhecimento de todos, encontra-se em consulta pública, até 31 de janeiro de 2012, uma proposta de Revisão da Estrutura Curricular que prevê a redução da dispersão curricular, centrando o currículo nos conhecimentos fundamentais e reforçando a aprendizagem nas disciplinas essenciais. Esta mudança que prevê a redução das áreas curriculares não disciplinares a partir do 2º ciclo do ensino básico vai reforçar a dimensão transversal da Educação para a Cidadania e exigir uma maior visibilidade desta componente em todas as disciplinas.

Assim, espera-se que os docentes das diferentes disciplinas identifiquem e valorizem os conteúdos dos respetivos programas que contemplam a Educação para a Cidadania e, em particular, a Educação para o Desenvolvimento.

A organização destas Jornadas traduz a existência de uma colaboração frutuosa entre as escolas e as organizações não-governamentais (ONG) no que se refere à construção de material didático. A escola está hoje

mais aberta à realização de trabalho colaborativo com outros serviços e entidades enriquecendo-se mutuamente pela aproximação da educação aos problemas sentidos pela sociedade; por outro lado, as organizações beneficiam de um melhor conhecimento das dinâmicas escolares.

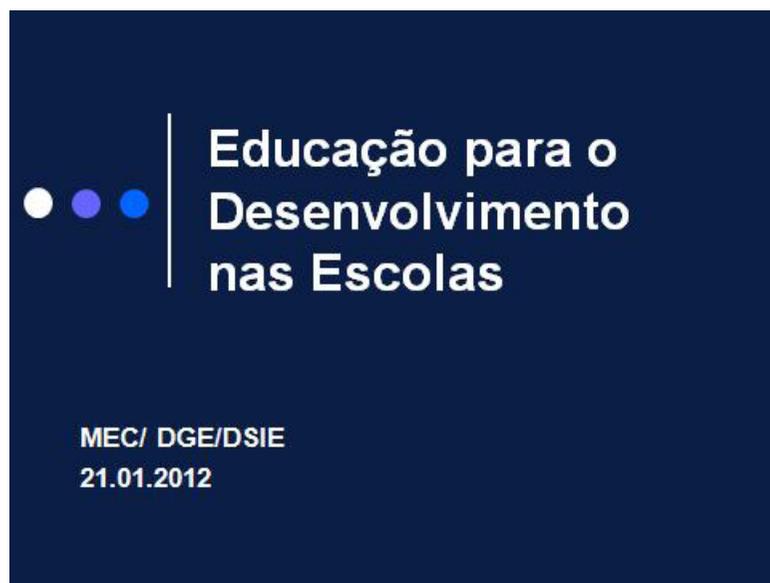
Gostaria de dirigir ainda algumas breves palavras aos responsáveis de escolas e aos dinamizadores de projetos desenvolvidos nas escolas, bem como aos que desenvolvem trabalho no âmbito da formação inicial de professores e da investigação, felicitando-os pelo trabalho fundamental que têm vindo a desenvolver na área da Educação para o Desenvolvimento e cujas experiências trazem hoje aqui para nosso conhecimento e reflexão.

A partilha de experiências, de práticas, de projetos de atuação no âmbito da Educação para o Desenvolvimento é fundamental, pelo que as jornadas que hoje se concretizam representam um momento de grande importância e de grande enriquecimento individual e coletivo.

Termino desejando que os trabalhos destas II Jornadas subordinadas ao tema da Educação para o Desenvolvimento nas Escolas decorram com sucesso e abram perspectivas frutuosas para o trabalho futuro.

"As escolas e a Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento"

Luísa Nunes – DGDIC - Membro da Comissão de Acompanhamento da ENED



This slide features a dark blue background with white text. At the top left, there are three colored circles (white, purple, blue) and a vertical line. The title "Educação para o Desenvolvimento nas Escolas" is written in a large, bold, white font. Below the title, the text "Educação para a Cidadania" is written in a smaller white font, followed by "Áreas Nucleares:" in a yellow font. Below this, there is a list of four items, each preceded by a small white circle: "Direitos e responsabilidades", "Democracia, processos e instituições", "Identities e diversidades", and "Interdependência e mundialização".

This slide features a dark blue background with white text. At the top left, there are three colored circles (white, purple, blue) and a vertical line. The title "Educação para o Desenvolvimento nas Escolas" is written in a large, bold, white font. Below the title, the text "Educação para a Cidadania" is written in a smaller white font, followed by "Processos – Chave" in a yellow font. Below this, there is a list of four items, each preceded by a small blue circle: "Descentração e empatia", "Pensamento crítico e criativo", "Comunicação e argumentação", and "Participação".

••• Educação para o Desenvolvimento nas Escolas

A Educação para a Cidadania concretiza-se transversalmente a **todas as disciplinas e áreas curriculares** e também nas **vivências** proporcionadas pelas escolas.

••• Educação para o Desenvolvimento nas Escolas

A orientação da Educação para a Cidadania, em cada escola deve figurar:

- **Projecto Educativo**
- **Projectos curriculares.**

••• Educação para o Desenvolvimento nas Escolas

Revisão da Estrutura Curricular

- Consulta pública até 31 de Janeiro de 2012
- Reduz a dispersão curricular
- Reforça as aprendizagens nas disciplinas essenciais
- Reduz as áreas curriculares não disciplinares

••• Educação para o Desenvolvimento nas Escolas

A Educação para a Cidadania (e a sua dimensão de Educação para o Desenvolvimento) nas disciplinas:

- **Identificar e valorizar os conteúdos nos programas das disciplinas**

••• Educação para o Desenvolvimento nas Escolas

O Ministério da Educação e Cultura:

- **Subscreveu a ENED** (Despacho nº 25931/2009)
- **Assinou o protocolo com o IPAD**, juntamente com outras 12 organizações, com vista à concretização do plano de Ação.
- Participa na **Comissão de Acompanhamento da ENED**.

••• Educação para o Desenvolvimento nas Escolas

ENED - objectivo 2:

Promover a Educação para o Desenvolvimento na educação formal, em todos os níveis de educação, ensino e formação, contemplando a participação das comunidades educativas.

Formação inicial e contínua de docentes; sensibilização das direcções dos agrupamentos; materiais de orientação pedagógica; materiais didáticos; investigação educativa; afirmação das escolas como organizações para a cidadania global

••• Educação para o Desenvolvimento nas Escolas

Na legislação de referência:

- **A Educação para a Cidadania é uma componente transversal** a todo o currículo.
- Constitui uma âncora para as aprendizagens de todos os níveis de ensino, visando a **formação de cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes**.

••• Educação para o Desenvolvimento nas Escolas

Educação para a Cidadania



Direitos Humanos
Democracia/ participação

Educação para o Desenvolvimento nas Escolas

A **Educação para o Desenvolvimento** visa a consciencialização das causas estruturais dos problemas de desenvolvimento, para agir contra as desigualdades e as injustiças, ao nível local e global, num contexto de interdependência, tendo em consideração o ponto de vista dos que sofrem esses problemas.

Educação para o Desenvolvimento nas Escolas

A Educação para o Desenvolvimento **alarga e adequa a Educação para a Cidadania** a um mundo interdependente e global.

conceito de **cidadania** → conceito de **cidadania global**

Educação para o Desenvolvimento nas Escolas

Finalidade

Contribuir para a **formação integral das pessoas promovendo o direito e o dever à participação concorrendo para uma transformação social numa perspetiva de desenvolvimento, integral, justo e sustentável.**

Princípios

Coerência, justiça, equidade social, solidariedade, inclusão, cooperação, corresponsabilidade, diálogo e intervenção

Metodologia

Privilegia a vivência da interculturalidade, o pensamento crítico, a participação e a construção coletiva e cooperativa do conhecimento e da ação.

Educação para o Desenvolvimento nas Escolas

Proposta Curricular de **Educação para a Cidadania** do Grupo de Trabalho Coordenado pela Dr.^a Emília Brederode

- o **Áreas Nucleares - Conteúdos**
- o **Processos – chave** ex: pensamento crítico
- o **Perfis de saída** (por ciclo do ensino básico)

Práticas de ED nas Escolas - Painel 1

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

“Medida 2.3. - Promoção de trabalho colaborativo entre os estabelecimentos de educação e ensino e formação e entidades públicas e privadas que intervêm em ED.”

António Lírio – EB 2/3 Amadeo Souza Cardoso – Agrupamento de Escolas Amadeo Souza Cardoso – Amarante

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Medida 2.3. – Promoção de trabalho cooperativo entre os estabelecimentos de educação e ensino e formação e entidades públicas e privadas que intervêm em ED

Exemplo para o Desenvolvimento em Rede - II Jornadas de Trabalho para o Desenvolvimento - II de Junho de 2012 - António Lúcio

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Porquê o trabalho cooperativo com entidades públicas e privadas que intervêm em ED?

Torna possível trabalhar os temas da Educação para o Desenvolvimento e da justiça social global em sinergia com professores e comunidade educativa.

Permite receber formação sobre temáticas e novos métodos participativos, potenciando um trabalho em rede nacional e europeia.

Possibilita a integração dos temas da Educação para o Desenvolvimento nas várias disciplinas, fornecendo pistas e atividades para promover a reflexão.

Apoia a criação de dinâmicas com os jovens, dentro e fora da sala de aula, projetando-as para a comunidade – trabalho de advocacia social junto dos responsáveis educativos e das autoridades locais;

Permite o acesso a materiais inovadores de suporte, a participação em eventos europeus e uma plataforma digital de aprendizagem.

Exemplo para o Desenvolvimento em Rede - II Jornadas de Trabalho para o Desenvolvimento - II de Junho de 2012 - António Lúcio

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Troca de Experiências – Balanço de um percurso - Contexto



Agrupamento de Escolas Amadeo de Souza-Cardoso, Amarante.

O Agrupamento teve a sua génese no ano lectivo 2007/2008. Este Agrupamento caracteriza-se essencialmente por ser um meio rural “aberto”, em transição para um meio urbano, embora possua também na sua área de influência zonas limítrofes urbanas da sede de concelho, mais populosas e com alguma implantação fabril.

Exemplo para o Desenvolvimento em Rede - II Jornadas de Trabalho para o Desenvolvimento - II de Junho de 2012 - António Lúcio

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Troca de Experiências – Balanço de um percurso

Etapa 1 – Contato com a ONGD e apresentação do Projeto.

Etapa 2 – Apresentação da proposta à Direção do Agrupamento.

Apresentação da proposta às estruturas intermédias.

Apresentação da proposta ao professores, educadores e comunidade educativa.

Etapa 3 – Estabelecimento formal da parceria.

Etapa 4 – Inscrição do projeto no Projeto Educativo do Agrupamento.

Etapa 5 – Atribuição da área curricular não disciplinar de Área de Projeto ao projeto (ano letivo de 2010/2011).

Etapa 6 – Constituição da Equipa multidisciplinar de trabalho (diversos ciclos e áreas disciplinares).

Relatório para o Desenvolvimento das Escolas – II Jornada de Reflexão para o Desenvolvimento – 21 de Junho de 2012 – António Lobo

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Troca de Experiências – Reflexão sobre as atividades



Encontro sobre o Projeto “Rostos Invisíveis”



Exposição Stórias di Mindjeris

Relatório para o Desenvolvimento das Escolas – II Jornada de Reflexão para o Desenvolvimento – 21 de Junho de 2012 – António Lobo

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Troca de Experiências – Balanço de um percurso

Etapa 7 – Formulação do Plano de Ação Anual (Ano 1 – Direitos das Mulheres; Ano 2 – Educação para o Consumo).

Etapa 8 – Articulação com Departamentos, Projetos e Clubes existentes.

Etapa 9 – Construção de instrumentos de avaliação.

Etapa 10 – Inscrição do Plano de Ação no Plano Anual de Atividades.

Etapa 11 – Estabelecimento de parcerias com outras organizações.

Etapa 12 – Reuniões preparatórias com estruturas intermédias e outros colaboradores.

Etapa 13 – Desenvolvimento das atividades.

Etapa 14 – Relatório de balanço das atividades.

Relatório para o Desenvolvimento das Escolas – II Jornada de Reflexão para o Desenvolvimento – 21 de Junho de 2012 – António Lobo

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Troca de Experiências – Reflexão sobre as atividades



Campanha Pobreza Zero



Campanha Global pela Educação

Relatório para o Desenvolvimento das Escolas – II Jornada de Reflexão para o Desenvolvimento – 21 de Junho de 2012 – António Lobo

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Troca de Experiências – Reflexão sobre as atividades



Palestra sobre Violência no Namoro



Formação Educação Inclusiva – Utopia ou Realidade

II Jornada para o Desenvolvimento das Escolas – 1.º Encontro de Trabalho para a Cooperação – 28 de Junho de 2012 – Alameda da Universidade Nova de Lisboa

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Troca de Experiências – Reflexão sobre as atividades



Palestra de Rafael Cezimbra, da CEALNOR



2º Encontro Nacional de Clubes do Comércio Justo

II Jornada para o Desenvolvimento das Escolas – 1.º Encontro de Trabalho para a Cooperação – 28 de Junho de 2012 – Alameda da Universidade Nova de Lisboa

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Troca de Experiências – Reflexão sobre as atividades



Atividade do Dia D – O Pequeno Trevo



II Jornada para o Desenvolvimento das Escolas – 1.º Encontro de Trabalho para a Cooperação – 28 de Junho de 2012 – Alameda da Universidade Nova de Lisboa

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Troca de Experiências – Reflexão sobre as atividades



Clube do Projeto Escola Mundo



Criação da página de Facebook e do blog

II Jornada para o Desenvolvimento das Escolas – 1.º Encontro de Trabalho para a Cooperação – 28 de Junho de 2012 – Alameda da Universidade Nova de Lisboa

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Troca de Experiências – Reflexão sobre as atividades



Disponibilização de materiais a ser trabalhados em diferentes disciplinas, áreas curriculares não disciplinares e clubes.

II Jornada de Educação para o Desenvolvimento em Rede - 1.º Janeiro de 2014 | Jornada de Educação para o Desenvolvimento - II de Junho de 2014 - Lisboa, Lda

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

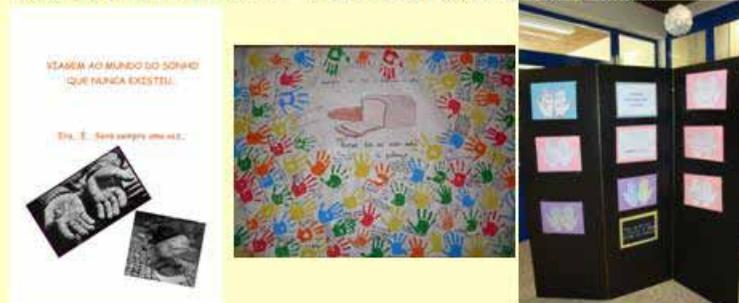
Que balanço se faz sobre esta colaboração?

- O apoio concedido tem permitido desenvolver atividades que de outro modo seriam muito difíceis de colocar em prática, atingindo objetivos mais abrangentes, e que a escola deve promover, trabalhando temas como a cidadania e a justiça social.
- As parcerias desenvolvidas revelam o potencial que resulta da confluência desta dupla procura já que a escola e as organizações podem desenvolver um trabalho colaborativo com resultados significativos de modo continuado e não apenas episódico.

II Jornada de Educação para o Desenvolvimento em Rede - 1.º Janeiro de 2014 | Jornada de Educação para o Desenvolvimento - II de Junho de 2014 - Lisboa, Lda

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Troca de Experiências – Reflexão sobre as atividades



Trabalhos elaborados pelos alunos e que envolvem os pais e encarregados de educação.

II Jornada de Educação para o Desenvolvimento em Rede - 1.º Janeiro de 2014 | Jornada de Educação para o Desenvolvimento - II de Junho de 2014 - Lisboa, Lda

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Que balanço se faz sobre esta colaboração?

- No entanto, algumas solicitações, por mais interessantes que pareçam, por vezes não podem ser respondidas pela escola como resultado dos seus ritmos próprios e do desenvolvimento dos seus próprios processos.
- As potencialidades ultrapassam os constrangimentos e permitem o desenvolvimento de um trabalho em rede, quer a nível nacional, quer a nível internacional, que podem ajudar a ultrapassar o nosso estatuto cada vez mais duplamente periférico.

II Jornada de Educação para o Desenvolvimento em Rede - 1.º Janeiro de 2014 | Jornada de Educação para o Desenvolvimento - II de Junho de 2014 - Lisboa, Lda

Os projetos colaborativos: cooperação entre escolas e outras organizações

Que desafios nos esperam?

- Poderá a formação inicial e contínua de professores promover a sensibilização para o trabalho sobre estas temáticas?
- A nova reforma curricular será um constrangimento ou uma nova oportunidade para o desenvolvimento deste tipo de projetos?
- Será possível estabelecer uma rede de escolas em verdadeira articulação, partilhando boas práticas e experiências nesta área?

A formação contínua de professores e a qualidade das práticas de ED

“Medida 2.4. - Desenvolvimento da formação contínua para profissionais de educação e formação e outros agentes educativos, e sensibilização dos e das responsáveis pela gestão dos agrupamentos de escolas e junto das comunidades educativas.”

Ana Isabel Lopes – Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo – Leiria

**Educação para o Desenvolvimento:
Testemunho
de uma
Experiência de Formação**

**Ana Isabel Lopes
Professora de Inglês
Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo
Leiria**

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

26

OBJETIVO DA ED

A transformação social, assente numa autorreflexividade permanente, capaz de desmontar as relações de poder e de hegemonia que se vão insinuando em todas as escalas

Despacho n.º 25931/2009 – ENED

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

ED: Articulações Curriculares Possíveis

Programa de Inglês Cont. – E. Secundário

- Fomentar uma educação para a cidadania, promovendo uma cultura de liberdade, participação, cooperação, reflexão e avaliação, que desenvolva atitudes de responsabilização e intervenção pessoal e social.
- Fomentar uma educação para os *media*, promovendo a formação de aprendentes ativos e críticos capazes de analisar textos dos *media* e compreender os processos da sua produção e receção.

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

ED: Articulações Curriculares Possíveis

Lei de Bases do Sistema Educativo

A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva.

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

ED: Enquadramento Institucional

- Acordo de parceria -
E. Secundária Francisco Rodrigues Lobo
(ESFRL)
Instituto Marquês de Valle Flôr
(IMVF)



Projeto Escola Mundo
(2010-2012)

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Projeto Escola Mundo

Projeto de cariz internacional financiado pela Comissão Europeia e implementado pelo IMVF em Portugal, numa parceria de seis países europeus.

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Projeto Escola Mundo Objetivos

Permitir aos professores refletir sobre as suas práticas em relação aos temas globais, partilhar experiências educativas e planificar de forma transversal uma aproximação aos temas da Educação para o Desenvolvimento.

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Projeto Escola Mundo Objetivos

Trabalhar com os professores e técnicos da comunidade escolar, alertando para as questões da Educação para o Desenvolvimento, um processo ativo de aprendizagem que pretende sensibilizar e mobilizar a sociedade para as prioridades do desenvolvimento humano sustentável.

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

“A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de **reflexividade crítica** sobre as práticas e **de reconstrução permanente de uma identidade pessoal**”
Nóvoa 1991

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

“Formação contínua e desenvolvimento profissional são perspetivas diferentes sobre a mesma realidade que é a **educação permanente de professores** num processo de ciclo de vida.”

Oliveira-Formosinho 2009

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Formação Contínua	Desenvolvimento Profissional
✓ Instituições de Formação	✓ Processos conducentes à Formação
✓ Agentes de Formação	✓ Conteúdos concretos aprendidos
✓ Modalidades de Formação	✓ Contextos da Aprendizagem
✓ Aspetos Organizacionais da Formação	✓ Relevância para a Prática profissional
	✓ Impacto na Aprendizagem dos Alunos
	✓ Impacto na Aprendizagem profissional

29

Desenvolvimento profissional
Processo de aprendizagem/crescimento

Formação contínua
Processo de ensino/formação

Oliveira-Formosinho 2009

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento





Desenvolvimento Profissional

Projeto Escola Mundo em 5 turmas do 10º ano de Inglês (ESFRL)

- Atividades de sala de aula, integradas nos domínios de referência (temas) do programa de Inglês Continuação
- Atividades de Complemento Curricular

Relatório 2010-2011 ➔ www.escolamundo.org

21 de Janeiro de 2012 II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Formação Contínua

Global Education: The Human Rights Dimension

Curso de Formação online
4 Semanas
40 horas

Centro Norte-Sul do Conselho da Europa
The Network University - Amsterdão

50 Participantes

Europa Ocidental – 10
Europa Central/Leste – 21
África – 11
Resto do Mundo – 8

21 de Janeiro de 2012 II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Global Education: The Human Rights Dimension

Educação para os Direitos Humanos

Aprofundar conhecimentos no âmbito da EDH
Conhecer a realidade *glocal* das ONGs
Partilhar saberes e experiências diversificados

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Global Education: The Human Rights Dimension

Conteúdo dos Módulos

- 1- Human Rights Education Basics
- 2- *Understanding HRE in your glocal context*
- 3- *Developing strategies for action*
- 4- *Developing HRE activities*

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Global Education: The Human Rights Dimension

Conteúdo dos Módulos

- 1- Human Rights Education Basics
- 2- *Understanding HRE in your glocal context*
- 3- *Developing strategies for action*
- 4- *Developing HRE activities*

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Global Education: The Human Rights Dimension

Educação para os Direitos Humanos

Elaboração de um plano de ação
↓
oficina EDH para professores de LE

21 de Janeiro de 2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Global Education: The Human Rights Dimension

Educação para os
Direitos Humanos

Co dinamização do grupo de estudantes da
Amnistia Internacional na ESFRL

21 de Janeiro de
2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Obrigada pela vossa atenção!

glocal@sapo.pt

21 de Janeiro de
2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

32

Educação para o Desenvolvimento: Formação Contínua e Desenvolvimento Profissional

- Papel da professora de LE enquanto cidadã de um mundo de desigualdades globalizadas
- Sensibilização dos alunos para as temáticas de ED
- Mobilização dos alunos enquanto agentes ativos de mudança (sala de aula; ACCs; Grupo AI)
 - Modos de articulação escolas / ONGs

21 de Janeiro de
2012

II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento

Práticas de ED nas Escolas - Painel 2

A ED como âncora nos Projetos Educativos de escola

“Medida 2.6. - Criação de condições para a afirmação das escolas e agrupamentos como organizações de educação para a cidadania que inclua a dimensão do desenvolvimento.”

Rosa Beliz – E/B Sebastião da Gama – Agrupamento de Escolas de Estremoz

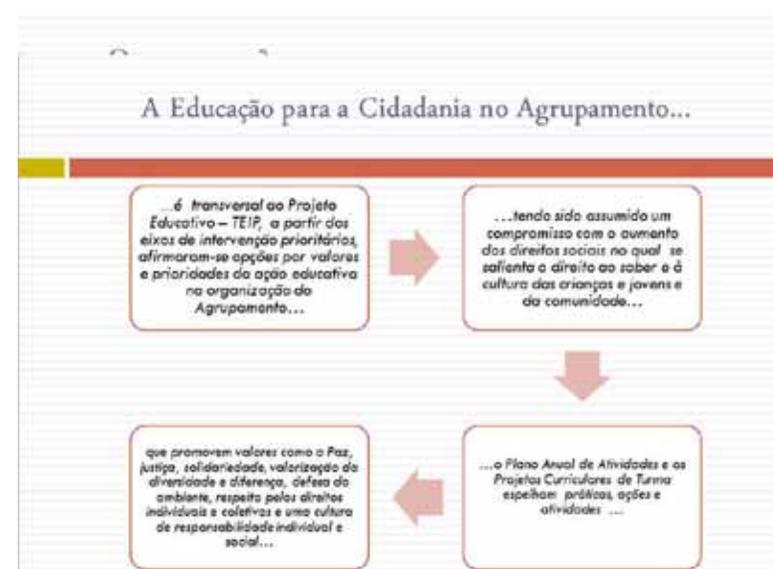
ae.estremoz@drealentejo.pt



Quem somos?

Agrupamento de Escolas de Estremoz
Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP)
Alunos/as, educadoras de infância, professores/as, pessoal não docente, técnicos, pais e encarregados de educação e parceiros defendem o lema
"Ninguém muda sozinho"
ae.estremoz@drealentejo.pt

Agrupamento de Escolas de Estremoz
E/B Sebastião da Gama



Quem sou eu?

Sou uma professora de Geografia...

- que acredito ser possível, a partir da sala de aula, através da implementação de metodologias e práticas educativas que privilegiem o trabalho cooperativo e colaborativo, contribuir para uma mudança de atitudes nos(as) alunos(as) visando a construção de um mundo melhor, mais justo, onde a distribuição da riqueza seja mais equitativa, onde todos(as) cidadãos(ãs) não permitam qualquer tipo de discriminação...

Aula de Geografia ...desenvolvendo atividades do Conectando Mundos



dinamização de projetos...

- ...revelou-se uma oportunidade para encontrar caminhos, reaprender e aprender, acreditando que é possível contribuir para o desenvolvimento competências nos(as) nossos(as) alunos(as) ao nível do exercício de uma cidadania participativa, crítica e interveniente, e uma compreensão mais profunda do mundo em que vivemos.

As alunas sentiram na "pele" indignação ...



Oportunidades... o currículo de Geografia...

- ...com os seus temas, conteúdos e competências a desenvolver, no 3º ciclo, associado ao facto de procurar assumir um papel de professora facilitadora do(s) processo(s) de aprendizagem, situação que saiu reforçada com a experiência que tive enquanto professora de alunos(as) de Cursos de Educação e Formação, aos quais leccionei a disciplina de Cidadania e Mundo Atual, tem facilitado a minha ação nesse sentido.

Aula de Geografia ...desenvolvendo atividades do Conectando Mundos



CONECTANDO MUNDOS



CONECTANDO MUNDOS



CONECTANDO MUNDOS

A proposta baseia-se numa ferramenta multimédia e multilingue (português, castelhano, italiano e inglês) destinada a trabalhar a Educação para a Cidadania Global nas escolas combinando processos ativos e cooperativos de aprendizagem na sala de aula e no espaço virtual, envolvendo alunos e alunos de diferentes realidades geográficas e socioeconómicas.



CONECTANDO MUNDOS

O Projeto Conectando Mundos, apresenta anualmente, uma proposta didática de Educação para a Cidadania Global *on line*, às escolas.



CONECTANDO MUNDOS

- ↳ As atividades propostas às turmas estão concentradas em seis semanas e variam de acordo com 5 faixas etárias (6-8 anos, 8-10 anos, 10-12 anos, 12-14 anos e 14-17 anos).
- ↳ O princípio é desenvolver com cada grupo etário um conjunto sequenciado de atividades (como, por exemplo, contos, campanhas de sensibilização, reportagens, blogs, músicas, etc.), promotoras de novos conhecimentos e atitudes e exigentes do ponto de vista da cooperação entre alunos/as, entre estes e os seus educadores e entre turmas de diferentes países.
- ↳ Os trabalhos realizados são divulgados no âmbito das escolas, nas comunidades, e aos outros participantes no projeto através da Internet ou de Encontros.

CONECTANDO MUNDOS

Porquê participar?

- potencia nos alunos/os e professores/as atitudes e valores que permitem conhecer e entender melhor a realidade envolvente e, desta forma, participar ativamente na construção de um mundo sustentável;
- permite que o conhecimento seja construído através de processos participativos de aprendizagem;
- oferece novas metodologias de trabalho relacionadas com a utilização das TIC;
- torna a diversidade cultural, linguística e social um recurso de participação e aprendizagem.



Encontro de alunos

Conectando Mundos



Encontro de alunos

Conectando Mundos



Encontro de alunos

Conectando Mundos



Encontro de alunos Conectando Mundos



Conectando Mundos nas escolas do Agrupamento

	2007_2008	2008_2009	2009_2010	2010_2011	2011_2012
TITULOS	CM_ Alvozeiros climáticos	CM_ Efeito de borbulante	CM_ Sonho de andorinha	CM_ Sem Mundo em mudança, um puzzle em construção	CM_ Semanas para um mundo mais justo
ESCOLAS					
EB Seleção de Cursos	2 turmas de 1º ano; 1 professora	1 turma de 2º ano; 1 turma de CEF - Tipo 2 - 1 professora	1 turma de 2º ano; 1 turma de 5º ano; 2 professores	1 turma de 3º ano; 1 turma de 4º ano; 1 turma de 5º ano; 4 professores	1 turma de 6º ano; 1 turma de 9º ano; 2 professores
Áreas			1 turma de 1º e 2º anos; 1 turma 3º e 4º anos; 2 professores	1 turma 4º ano; 1 professor	1 turma de 1º e 2º anos; 1 professor
Glória			3 turmas: pré-escolar; 1º, 2º, 3º e 4º anos; 2 professores e 1 educadora	1 turma 1º, 2º, 3º e 4º anos; 2 professores	1 turma 1º, 2º, 3º e 4º anos; 2 professores
Caldeira				2 turmas - 3º ano; 2 professores	2 turmas 1º ano; 1 professora; 4º ano; 2 professores
Moa				1 turma; 1º ano; 1 professora	3 turmas: 1º ano; 2º ano; 4º ano; 3 professores
São Lourenço					1 turma 1º, 2º, 3º e 4º anos; 1 professora

Encontro de alunos Conectando Mundos



avaliação do projeto Conectando Mundos

- *Ao educar para a cidadania global, o Conectando Mundos tem fomentado uma transformação progressiva nos valores, atitudes e comportamentos dos nossos alunos e alunas, enquanto cidadãos conscientes da complexidade do mundo e participativos na construção de uma sociedade mais justa, equitativa e solidária.*

PLANO ANUAL DE ATIVIDADES:
exemplos de outros projetos que promovem...



avaliação externa do Agrupamento
2010- 2011

□ **um dos pontos fortes apontados**

- O incentivo à participação dos alunos e a promoção do seu desenvolvimento cívico, inscritos num conjunto de medidas indutoras de um clima relacional positivo...

avaliação externa do Agrupamento

2010- 2011

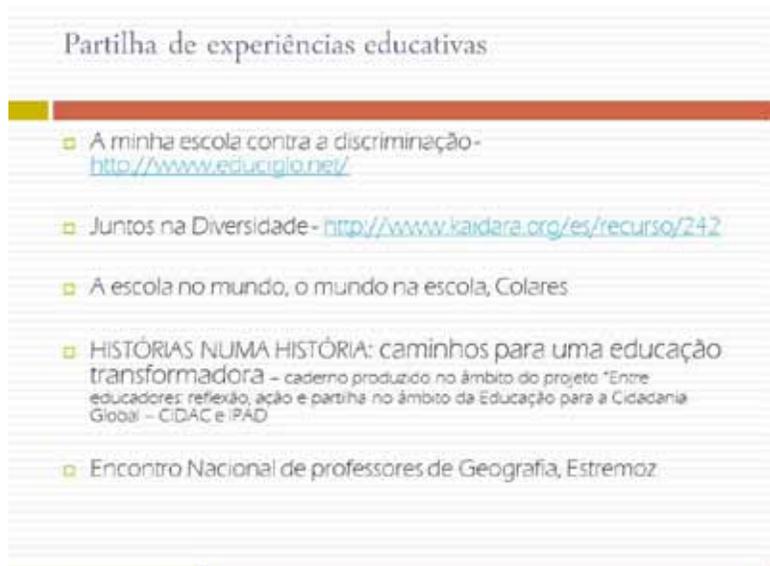
□ **Outros aspetos referidos...**

- A equidade e a justiça são princípios patentes pelo Agrupamento e reconhecidos por todos os intervenientes na ação educativa, que salientam a atuação dos seus responsáveis na promoção da igualdade de oportunidades e de experiências enriquecedoras para todas as crianças e alunos.
- Os alunos sentem-se responsabilizados pelo seu papel e revelam empenho e iniciativa na apresentação de propostas.

<http://www.ige.min-edu.pt/>

Recomendações

Entender o momento atual como uma oportunidade para as mudanças necessárias...a eliminação do currículo dos alunos da área de projeto não pode justificar o desaparecimento de práticas educativas inovadoras e mobilizadores capazes de promover uma Educação para o Desenvolvimento.



A integração da ED na Formação Inicial de professores

“Medida 2.1. - Integração da ED na formação inicial que profissionaliza para a função docente.”

La Salette Coelho – Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

O caso da Iniciação à Prática Profissional III - 2º ciclo

- Antecedentes

- Introdução da ED no plano estratégico do IPVC
- Aposta no GEED – últimos 12 anos de trabalho nesta área da Cooperação e ED
- Cursos Livres, por exemplo, aberto a profs, alunos e comunidade em geral

- Projeto ENED (Julho 2012)

- Intensificação da necessidade de institucionalização da preocupação de ED no IPVC
- Pedido de formato para inclusão da ED no programa e no currículo da formação inicial de professores

- IPP3 – 2º ciclo

- Seleção de um formato trimestral, baseado na comemoração de dias relacionados com temáticas de ED
- Integração no contexto de trabalho – estágio pedagógico em agrupamentos de escolas cooperantes

- Exemplos práticos – 1º Trimestre

- Adesão dos alunos da ESE/futuros professores às temáticas ligadas à cidadania global e participativa

- Adesão das escolas cooperantes (recordar que profs não recebem ajuda pecuniária por este apoio)
- Mobilização de turmas de alunos considerados “difíceis”
- Mobilização da própria comunidade escolar (pais, professores, alunos, associações)

- Potencialidades – lições aprendidas

- Criação de uma janela de oportunidade nestas escolas para se tratarem estes temas
- Importância de ter um tempo letivo para estes temas – “formação cívica” (agora defunta)
- Relevância do tema também sentida pelas escolas, pelos professores e até pelos alunos

- Limitações – desafios

- Necessidade sentida de uma maior construção teórica do conceito de ED
- Reflexão sobre se as temáticas tratadas encaixam ou não em ED e como as abordar com este intuito
- Dificuldades de tempo – nossos alunos, futuros professores, saem sensibilizados mas não “agentes de ED”

La Salette Coelho

O desenvolvimento de estudos sobre ED como contributo para a qualidade das ações

“Medida 2.5. - Promoção de trabalho de investigação sobre ED nas instituições de ensino superior em relação com pares internacionais do Norte e do Sul.”

Maria Helena Salema – Instituto de Educação – Universidade de Lisboa

Educação para o Desenvolvimento e Investigação

Qualidade das práticas

Maria Helena Salema

Tópicos

- **Experiência na investigação e Formação em ED e EC**
 - Universidade de Lisboa
 - Conselho da Europa
 - União Europeia
- **Resultados da investigação**
- **Implicações na melhoria das práticas em ED**

Cidadania e Professores (casos)

- **Empenho pelo desenvolvimento humano dos alunos**
- **sentido de autonomia e responsabilidade**
- **atitude positiva pela ECD como parte do curriculum**
- **pouca coerência conceptual**

in Florbela Trigo Santos et al. (2003)

Aprender e Viver a Democracia

41

Cidadania e Jovens

- **Concepções de democracia - não diferem**
- **concepções de cidadania - acima da média**
- **atitudes positivas perante a nação**
- **atitudes positivas relativamente a imigrantes**
- **pouca abertura à discussão**
- **pouca participação em organizações cívicas**
- **métodos centrados no professor**
- **pouco desenvolvimento do pensamento crítico**
- (2001). Torney-Purta, Amadeo. Citizenship and Education in Twenty-eight countries. Civic Knowledge and participation at age fourteen IAE

Aprender e Viver a Democracia

Práticas dos professores

- **Professores Ciências, Física, Matemática**
- **Professores, Português, História, Línguas, Música**
- **Professores Moral e Religião e Música**

In Salema et al. (2003) (2005)

Aprender e Viver a Democracia

5

Práticas dos professores EC

- área curricular não disciplinar e de complemento curricular
- perspectiva multidisciplinar e envolvimento da escola (projecto de escola)
- um caso numa área curricular disciplinar
- competências sociais
- situações: Jovens em risco, violência, abandono, contextos multiculturais

Aprender e Viver a Democracia

6

42

Formação de Formadores

- Aprendizagem de adultos...significa modificar, reintegrar novos significados...através da sua própria experiência de vida
- Experiências passadas podem tornar-se obstáculos para uma nova aprendizagem
- É preciso desaprender
- É preciso reflexão crítica
- É preciso criar uma cultura dentro das comunidades de prática

Aprender e Viver a Democracia

7

Recursos Pedagógicos: que critérios de utilização em ED?

Heide Tebbich - Baobab Global Educational Resource Centre (Viena)

Heide Tebbich é diretora do Centro de Recursos Baobab, onde trabalha desde há 10 anos, sendo também responsável pelo setor de filmes. Foi ela quem acolheu, por duas vezes, delegações do GENE (Global Education Network Europe) de visita ao Centro, em Viena, nas quais participaram membros portugueses. E fez parte do grupo austríaco que desenvolveu o Intercâmbio Bilateral Áustria-Portugal no domínio da Educação para o Desenvolvimento, entre 2006 e 2008.

O Centro de Recursos Baobab (<http://www.baobab.at/>) é uma Organização Não-Governamental austríaca, independente do Estado, mas que tem recebido regularmente apoio governamental, no quadro da Educação para o Desenvolvimento. Foi criado há 20 anos e os seus utilizadores são maioritariamente (75%) docentes dos ensinos básico, secundário e profissional. Os restantes 25% são educadores, estudantes e professores do ensino superior.

Para além da documentação disponível e do empréstimo de materiais existentes, o Centro produz anualmente um recurso pedagógico impresso e 1 DVD com cerca de 10 filmes especialmente escolhidos, por vezes traduzidos (sendo as versões originais disponibilizadas por princípio) e sempre acompanhados por um guia pedagógico com cerca de 10 a 15 páginas que as pessoas podem facilmente imprimir.

Mais informações sobre o Centro de Recursos Baobab em: <http://www.baobab.at/>

Critérios para a escolha recursos de Educação para o Desenvolvimento (ED)



Heide Tebbich
BAOBAB – Centro de Recursos em Educação Global (Viena)
II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento
Fundação Calouste Gulbenkian, 21 de Janeiro de 2012



Actividades da BAOBAB

- Biblioteca (Centro de Recursos de Educação para a Cidadania Global)
- Aconselhamento na escolha e nos métodos de utilização de recursos e recursos de multimédia de Educação para o Desenvolvimento nas salas de aula
- Produção e distribuição de DVD e materiais impressos acerca de temas de desenvolvimento
- Formações de Educação para o Desenvolvimento a professores



Questões a ter em conta na escolha de recursos de ED nas nossas áreas de trabalho

- Quais são os requisitos para um bom recurso de ED?
- Nós cumprimos os requisitos?
- Que recursos adquirimos para a biblioteca?
- Que materiais recomendamos a professores/as?
- Que filmes e documentários escolhemos para editar em DVD?



Critérios para filmes de qualidade sobre ED

- Os protagonistas não são objetos mudos para ilustrar um assunto. Os filmes dão aos povos do Sul uma voz
- Os filmes abordam questões globais
- Os filmes relacionam-se com a vida quotidiana
- Os filmes não são narrados em voz *off*
- As imagens têm o seu próprio valor informativo
- Lidam com emoções
- Transmitem esperança ou um ambiente positivo



Crériterios gerais para a escolha de recursos de ED

1. Conteúdo 1/2

- Os temas são apresentados nas suas dimensões globais
- As questões principais do desenvolvimento sustentável são abordadas:
aspectos económicos /aspectos sociais/ aspectos ambientais
- Os recursos demonstram como estes aspectos estão interligados
- Abordam a ligação entre a nossa própria vida e a vida de outras pessoas noutras partes do mundo
- Os recursos mostram várias perspetivas



Crériterios gerais para a escolha de recursos de ED

1. Conteúdos 2/2

- Os recursos demonstram sensibilidade acerca de questões de género, questões culturais e questões raciais
- As conclusões ficam em aberto para os estudantes/formandos
- Os recursos didáticos não devem ser confundidos com materiais de angariação de fundos



Critérios gerais para a escolha de recursos de ED

2. Transparência

- Os destinatários estão identificados nos recursos e estes são adequados aos públicos-alvo
- Os objetivos pedagógicos dos recursos devem estar claramente identificados
- Devem ser mencionadas as referências bibliográficas
- O ponto de vista do autor deve ser transparente e claro



Critérios gerais para a escolha de recursos de ED

3. Metodologia

- Os recursos oferecem uma variedade de métodos de aprendizagem e existe um enfoque em metodologias ativas e participativas
- Os recursos ajudam o estudante/formando a formar uma opinião pessoal sobre um tema, possuem a capacidade de pôr em causa e mudar a perspetiva de uma pessoa
- Os recursos multimédia promovem o pensamento multidimensional
- Os recursos mostram possibilidades para uma pessoa se tornar um/a cidadã/ão ativo/a



Critérios gerais para a escolha de recursos de ED

4. Design

- Os recursos devem ser de fácil utilização
- O desenho de deve ser atrativo
- A linguagem e as ilustrações devem ser apropriadas à idade dos/as destinatários/as
- Ambos os sexos devem estar representados na linguagem e nas ilustrações

Critérios para a escolha de recursos de Educação para o Desenvolvimento (ED)

1. Critérios relativamente aos conteúdos

- Os temas são apresentados nas suas dimensões globais
- As questões principais do desenvolvimento sustentável são abordadas: aspetos económicos /aspetos sociais/ aspetos ambientais
- Os recursos demonstram como estes aspetos estão interligados
- Os recursos multimédia abordam a ligação entre a nossa própria e a vida de outras pessoas noutras partes do mundo
- Os recursos demonstram sensibilidade acerca de questões de

género, questões culturais e questões raciais

- Os recursos mostram várias perspetivas
- As conclusões ficam em aberto para os estudantes/formandos
- Os recursos didáticos não devem ser confundidos com materiais de angariação de fundos

2. Transparência

- Os públicos-alvo estão identificados nos recursos e são adequados aos públicos-alvo
- Os objetivos pedagógicos do recurso devem claramente identificados
- Devem ser mencionadas as referências bibliográficas
- O ponto de vista do autor deve ser transparente e claro

3. Metodologia

- Os recursos oferecem uma variedade de métodos de aprendizagem e existe um enfoque em metodologias ativas e participativas
- Os recursos ajudam o estudante/formando a formar uma opinião pessoal sobre um tema, possui a capacidade de por em causa e mudar a perspetiva de uma pessoa
- Os recursos multimédia promovem o pensamento multidimensional
- Os recursos apontam possibilidades para uma pessoa se tornar num/a cidadã/ão ativo/a

4. Design¹

- Os recursos devem ser de fácil utilização
- O desenho deve ser atrativo
- A linguagem e as ilustrações devem ser apropriadas à idade dos destinatários e ambos os sexos devem estar representados na linguagem e nas ilustrações

Critérios especiais para filmes e documentários sobre ED²

- Os protagonistas não são objetos mudos para ilustrar um assunto. Os filmes dão aos povos do Sul uma voz
- Os filmes abordam questões globais
- Os filmes relacionam-se com a vida quotidiana
- Os filmes não são narrados em voz off e as imagens têm o seu próprio valor informativo
- Lidam com as emoções
- Transmitem esperança ou um ambiente positivo

Heide Tebbich

Centro de Recursos BAOBAB (Viena, Áustria)

21 de janeiro de 2012

1) Referências: “Stiftung Bildung und Entwicklung” Switzerland, Strategy Group, Austria

2) Referência: Filme eine Welt, Switzerland

Sessão de Encerramento

Inês Rosa – Vice-presidente do IPAD

Exma. Senhora Presidente da Direção da Plataforma Portuguesa das ONGD,

Caros participantes,

Caros amigos e amigas,

Boa tarde,

Em nome do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento e enquanto membro da Comissão Organizadora das Jornadas e da Comissão de Acompanhamento da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento, quero começar por reconhecer o trabalho e o empenho de todos os participantes nestas II Jornadas de Educação para o Desenvolvimento. Gostaria ainda de deixar uma palavra de apreço a todos os oradores, facilitadores e docentes envolvidos nas Jornadas. E, muito em especial, a todos aqueles que têm estado ativamente mobilizados em torno da dinamização da Educação para o Desenvolvimento e Educação para a Cidadania Global nas escolas.

Dito isto, compete-me chamar a atenção, uma vez mais, para a relevância da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento, definida para um horizonte temporal que vai de 2010 até 2015, e para o papel e missão do IPAD no que respeita à Educação para o Desenvolvimento e à execução e acompanhamento da execução da Estratégia, sobretudo no que concerne à Educação Formal e ao apoio ao trabalho colaborativo com as escolas.

A Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento foi aprovada pelo despacho do Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e

Cooperação e do Secretário de Estado Adjunto e da Educação, publicado em Diário da República, em novembro de 2009. Este documento constituiu o culminar de um processo, que teve início em maio de 2008, e que envolveu diversas instituições públicas e organizações da sociedade civil referenciadas como particularmente relevantes.

No documento de orientação publicado em Diário da República, ficaram consagrados um objetivo global e quatro objetivos específicos, sendo que cada um destes objetivos específicos corresponde a uma área de atuação, a saber:

- Capacitação e diálogo institucional;
- Educação formal;
- Educação não formal;
- Sensibilização e influência política.

Tendo presentes o objetivo global, os quatro objetivos específicos e as 26 medidas previstas no documento de orientação, foi elaborado um Plano de Ação, subscrito por Protocolo, a 22 de abril de 2010, pelo IPAD, pela Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular e por mais 12 instituições públicas e organizações da sociedade civil.

No que toca à Educação Formal, detalhada em 6 medidas, o grande desiderato consiste na promoção da consolidação da Educação para o Desenvolvimento e a Educação para a Cidadania Global em todos os níveis de educação, ensino e formação, contemplando a participação das comunidades educativas. Com efeito, a promoção do acesso universal a uma Educação para o Desenvolvimento de qualidade implica a sua articulação com o sistema de educação formal. Esta articulação é necessária em diferentes níveis, do pré-escolar ao superior.

É de referir que a promoção do acesso a uma Educação para o

Desenvolvimento de qualidade tem sido sustentada numa certa tradição de trabalho cooperativo entre as escolas e outros atores e, muito em especial, entre as escolas e as organizações não-governamentais de desenvolvimento (ONGD). Contribuindo, por um lado, para abertura das escolas à comunidade e ao mundo que as rodeia, e, por outro lado, para a adoção de uma perspetiva educativa e de longo prazo por parte das organizações da sociedade civil.

Neste quadro, o papel e a missão do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento é orientada por três eixos, a saber:

1. Financiamento de projetos, fundamentalmente, através da manutenção de uma linha de cofinanciamento para projetos de ONGD portuguesas, criada em 2005, com processos de candidatura abertos anualmente;
2. Participação no intercâmbio de boas práticas e participação no processo de discussão das políticas e estratégias europeias, através da articulação com a Comissão Europeia e o Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, e da participação no GENE - Global Education Network Europe e no European Multi-Stakeholder Group em Educação para o Desenvolvimento;
3. Participação no processo de elaboração, implementação, acompanhamento e avaliação da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento 2010-2015.

No que toca ao primeiro eixo, que passa pelo apoio a projetos de ONGD, verifica-se que tem havido uma evolução significativa do número e da qualidade dos projetos levados a cabo por ONGD nas escolas e com as escolas. Uma evolução positiva que aponta, cada vez mais, para um trabalho colaborativo sistemático, que vai para além da organização episódica e descontextualizada de atividades.

No que respeita ao intercâmbio de boas práticas e participação no processo de discussão das políticas e estratégias europeias, o IPAD tem estado ativamente empenhado na articulação com a Comissão Europeia, o Centro Norte-Sul do Conselho da Europa e o GENE (Global Education Network Europe). Trata-se de pugnar por uma abordagem estratégica europeia, cada vez focada nos processos de aprendizagem, nas escolas e na Educação para a Cidadania Global.

Finalmente, o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento esteve e continua a estar ativamente envolvido no processo de elaboração, implementação, acompanhamento e avaliação da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento 2010-2015. O que significa, entre outras coisas, uma maior atenção ao trabalho de qualidade com as escolas, sobretudo através do apoio a projetos colaborativos entre estas e as ONGD, uma maior e melhor articulação com o Ministério da Educação e Ciência, e um maior cuidado com a formação inicial e contínua dos docentes.

Em suma: trata-se de criar as condições para a afirmação das escolas e agrupamentos como organizações de Educação para a Cidadania que incluam a dimensão do desenvolvimento, a Educação para o Desenvolvimento e a Educação para a Cidadania Global. Trata-se de integrar estas dimensões nos projetos educativos e no dia a dia das escolas e dos agrupamentos, tendo em vista a formação de pessoas e cidadãos aptos a enfrentar os desafios e processos de globalização.

Concluindo:

A abordagem educativa e o trabalho com as escolas e de colaboração entre estas e as ONGD em Educação para o Desenvolvimento têm um lugar-chave na Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento e na ação do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, enquanto financiador deste tipo de projetos de ONGD. Tendo em vista a afirmação das escolas como organizações de Educação para a Cidadania Global.

Estamos ao vosso dispor e contamos convosco neste desiderato. Mais uma vez, agradecemos a colaboração e empenhamento de todos.

Muito obrigado pela atenção e votos de um bom regresso a casa e de continuação de um bom trabalho.

Grupos de Trabalho_

Metodologia

Os Grupos de Trabalho foram dedicados ao aprofundamento da Medida 2.2 (elaboração de materiais de orientação pedagógica para profissionais de educação e formação e outros agentes educativos e desenvolvimento de materiais didáticos que apoiem a realização de projetos e intervenções educativas de ED), através da observação e debate de um ângulo específico: o dos critérios que presidem à elaboração de recursos pedagógicos de Educação para o Desenvolvimento.

A observação fez-se a partir da apresentação de recursos concretos, existentes, agrupados de acordo com os seus destinatários prioritários (alunos/as do pré-escolar e do 1º ciclo, do 2º ciclo, do 3º ciclo e do ensino secundário).

Havendo, no máximo, 60 minutos para o trabalho em grupos, foram apresentados em cada GT 3 recursos, não excedendo esta parte 30 minutos, de modo a que cerca de 20 minutos fossem ser dedicados ao debate e cerca de 10 minutos à autoapresentação dos participantes, escolha do/a relator/a e arranque efetivo dos trabalhos.

Pediou-se a cada apresentador/a de um recurso que levasse impresso, em papel A4, um conjunto de slides explicitando, através de frases muito curtas:

- o nome do recurso, respetivos autores e entidade editora [uma folha A4]
- a quem se dirige o recurso [uma folha A4]
- os 3 critérios principais que presidiram à elaboração do recurso e a pertinência (ou não), a partir da experiência, de cada um deles

[3 folhas A4, cada critério e respetiva pertinência numa folha]

- as 3 aprendizagens mais importantes do processo de elaboração do recurso, focalizando em: quem construiu o recurso, o(s) público(s) ao(s) qual(ais) o recurso é dirigido, os critérios de elaboração do recurso adotados

As folhas relativas a cada apresentação foram dispostas num placard, de forma a que pudessem servir de guia à apresentação e, no final, pudessem ser lidas quer horizontalmente, quer verticalmente. Estas leituras facilitaram a formulação dos comentários e das questões no período do debate e ajudaram o/a relator/a a preparar a sua síntese.

O debate gerou-se em torno da questão: “que recomendações fazer para a futura elaboração de recursos pedagógicos de ED?”.

Papel dos/as facilitadores/as

- Gestão do grupo: dar início aos trabalhos, dar e passar a palavra, estimular o uso equilibrado da palavra entre todos/as os/as participantes...
- Gestão do tempo...
- Dinamização do debate: preparar e ter na manga algumas perguntas para colocar ao grupo em caso de se verificarem momentos mortos...
- Colaboração com o/a relator/a na preparação da síntese a partilhar no plenário
- Participação numa reunião de avaliação das Jornadas (15 de fevereiro)

Pré-escolar/1º ciclo

Facilitadora: Patrícia Santos

Materiais Apresentados (Apresentações em Anexo):

Sementes de Esperança - Associação de Defesa do Património de Mértola

www.adpm.pt

Pessoa Responsável pela apresentação: Inês Cláudio

Todas as coisas têm uma história: o Comércio Justo no 1º ciclo do ensino básico- FEC/CIDAC

www.cidac.pt

Pessoa Responsável pela apresentação: Luísa Teotónio Pereira

Kits ODM - Oikos

http://www.oikos.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=341&Itemid=109

Pessoa Responsável pela apresentação: Cristina Peixinho

Debate

Após análise e reflexão conjunta das propostas de trabalho/atividades gerais apresentadas nos recursos o GRUPO DE TRABALHO considerou que as temáticas a desenvolver junto do público-alvo devem partir de necessidades sentidas pelas crianças/alunos despoletadas pelo educador/meio social ou físico envolvente, motivação intrínseca, para maior envolvimento e empatia assim como dinamizadas num ambiente positivo e favorável ao pensamento crítico. Essa motivação intrínseca pelas temáticas de ED deverá ser sentida primeiramente pelos educadores para transmitir todo o dinamismo necessário na utilização dos recursos e criar junto do público-alvo outras dinâmicas divergentes a partir das propostas iniciais apresentadas. Considerou o GRUPO de grande pertinência a equipa de elaboração do Recurso testar com diferentes públicos as atividades a propor e a inserir no

Recurso assim como o educador-aplicador o testar/resolver as atividades antevendo possíveis produtos das crianças/alunos.

Na conceção dos recursos pedagógicos o GRUPO refletiu e considerou de grande relevância a integração de educadores com prática e experiência profissional com o público-alvo nas equipas de elaboração, objetivos e instruções das atividades propostas em linguagem Clara, Concreta, Concisa e Completa e ainda na apresentação das atividades para este público-alvo específico estas devem ser apelativas (cor e movimento) e com muito recurso a imagens não estereotipadas.

Realçou ainda o GRUPO que na execução das atividades apresentadas no Recurso Pedagógico escolhido deverá o educador realizá-las em transdisciplinaridade e de forma sistémica em atmosfera assertiva entre todas as crianças/alunos envolvidos.

2º Ciclo – Grupo de Trabalho 1

Facilitadora: Sara Dias

Materiais Apresentados (Apresentações em Anexo):

DVD Ação para a Justiça Social - Instituto Marquês de Valle Flôr

<http://impossible.org.uk/Portugal>

Pessoa Responsável pela apresentação: Mónica Santos Silva

Pensar o Mundo – AidGlobal

http://aidglobal.org/userfiles/imagens/artigos/Pensar%20o%20mundo%202%20ciclo_final.pdf

Pessoa Responsável pela apresentação: Susana Damasceno

Dossier Comércio Justo – CIDAC / Mó de Vida

www.cidac.pt

Pessoa Responsável pela apresentação: Madalena Marques

Debate

A. Será que é necessário as entidades que promovem a Educação para o Desenvolvimento irem pessoalmente às escolas, ou a informação pode ser feita à distância?

Os professores estão com vontade de inovar, mas têm o horário bastante sobrecarregado: é importante que as entidades que promovem a Educação para o Desenvolvimento procurem a escola, vão às escolas para apresentar formas de aprendizagem e acompanhem os professores

O email não parece eficaz para a divulgação de informação: escolas recebem diariamente muitos email e é fácil perderem alguns email pelo caminho (ex. dado por uma das intervenientes, em que numa tentativa de contactar 700 escolas via email, obtiveram 50 respostas - aproximadamente 7% do total enviado).

B. Acesso ao material educativo

Já existe muito material educativo produzido, mas a maior parte não é do desconhecimento dos professores

O material é pouco divulgado, ou divulgado em ações isoladas

Importância de haver alguma plataforma que reunisse todo o material sobre Educação para o Desenvolvimento, desenvolvido pelas ONG, sob a forma de motor de busca

Sugestões:

1. Que o grupo de Educação para o Desenvolvimento da plataforma das ONGD se encarregasse de fazer esta compilação. É necessário que ache uma boa articulação entre as ONG e a plataforma, e que o material esteja disponível em suporte digital
2. Necessidade de as ONG terem feedback dos professores sobre o material educativo, de forma a fazerem melhoramentos, ajustamentos,...

C.O desaparecimento das disciplinas de Área Projeto e de Formação Cívica vai ser prejudicial para a Educação para o Desenvolvimento?

Os professores consideram que não, uma vez estas disciplinas:

- têm notas diferentes: são desvalorizadas,
- por vezes são subaproveitadas: a sua utilização eficaz depende do profissional que a leciona,
- uma área tão importante como a Educação para o Desenvolvimento deve ter um peso maior.

Sugestões:

1. Projeto enquadrado, transversal a várias disciplinas
2. Exemplo dado pela Educação para a Saúde, já desenvolvida a nível curricular, transversalmente a várias disciplinas.
3. Cruzar atividades da disciplina de matemática com a de ciências: geralmente é o mesmo professor
4. Atividades de educação para o desenvolvimento usando diferentes disciplinas
5. A dinamização da Educação para o Desenvolvimento ser feito em centros de formação, e que estes estejam interligados e comuniquem entre si

2º Ciclo – Grupo de Trabalho 2

Facilitadora: La Salette Coelho

Materiais Apresentados (Apresentações em Anexo):

CD-Rom A volta ao Mundo - AidGlobal

<http://www.aidglobal.org/#d-0-119>

Pessoa Responsável pela apresentação: Andreia Nunes

Moodle Escola Mundo - Instituto Marquês de Valle Flôr

www.escolamundo.org

Pessoa Responsável pela apresentação: Filipa Petrucci

CD-Rom Transformando Mundos - CIDAC

www.cidac.pt

Pessoa Responsável pela apresentação: Isabel Fernandes

53

Debate

Critérios tidos em conta para a elaboração dos diferentes recursos:

- Transversalidade dos conteúdos e possibilidade de integração no currículo das diferentes disciplinas;
- Adaptação aos diferentes públicos-alvo e diferentes níveis de ensino;
- Interatividade;
- Utilização de metodologias ativas e participativas;
- Forte componente de aprendizagem, quer para quem os aplica quem para os destinatários finais dos materiais;
- Abordagem de temas socialmente relevantes.

Aprendizagens subjacentes à elaboração e aplicação dos recursos em análise

- Necessidade de conciliar as aprendizagens formais com aprendizagens não-formais;
- Necessidade de adequar a linguagem utilizada nos recursos ao público-alvo dos mesmos;
- Necessidade de adequar e integrar os temas no currículo das diferentes disciplinas;
- Estes recursos promovem o trabalho em equipa e a entreaajuda entre os professores, e entre escolas e ONGD;
- Necessidade de maior apoio aos professores por parte das ONGD responsáveis pela construção dos recursos;
- Os materiais apresentam-se como muito ambiciosos, motivo pelo qual, na sua utilização, os professores têm que tomar opções, adequando os recursos consoante os seus públicos-alvo e objetivos: professores escolhem os temas a abordar, as atividades, a periodicidade das sessões.

Conclusões gerais

- Existem alguns entraves [externos] à implementação ideal dos projetos de ED: Currículos demasiado longos e extensos; a necessária preparação dos alunos para os exames nacionais; a falta de crédito horário das escolas para que se possam construir espaços de trabalho da ED, como por exemplo os clubes; a rotatividade dos professores, o que dificulta a continuidade de alguns projetos.
- Algumas das dificuldades acima mencionadas levam a que as escolas se esforcem por encontrar novos espaços de trabalho para a ED, mencionando a título de exemplo: trabalhar a ED de forma integrada no Projeto Curricular de Turma; trabalhar a ED com

turmas dos Cursos de Educação e Formação (CEF) ou turmas de Percurso Curricular Alternativo (PCA); integrar a ED na dinâmica e trabalho da Biblioteca Escolar.

- Vantagens/pontos fortes dos recursos pedagógicos:

- Promove o trabalho em equipa e em parceria, entre as escolas e as ONGD;
- Revelam e sensibilizam para a importância das ONGD, nomeadamente na elaboração de guiões para as atividades e na planificação conjunta das mesmas;
- Utilizam metodologias ativas e participativas;
- Apresentam-se como ótimos veículos para a abordagem dos temas da ED.

3º Ciclo

Facilitadora: Jorge Cardoso

Materiais Apresentados (Apresentações em Anexo):

Fichas Didático-Pedagógicas “Informar para Mudar” - ISU

http://www.consumoresponsavel.com/?page_id=8

Pessoa Responsável pela apresentação: Luciana Almeida

Jogo Energy for Life - Oikos

<http://www.energy-for-life.info/en/index.asp>

Pessoa Responsável pela apresentação: José Luís Monteiro

Exposição Comércio Justo – CIDAC / Mó de Vida

www.cidac.pt

Pessoa Responsável pela apresentação: Colette Costa

Debate

A partir dos recursos apresentados, os critérios salientados para a escolha de recursos ED por parte dos educadores/as foram os seguintes:

- a ligação à disciplina que se está a lecionar, permitindo ser uma mais valia relativamente aos conteúdos a lecionar;
- a facilidade em dominar as temáticas abordadas nos materiais;
- a existência de uma equipa que possa dar um apoio direto na utilização dos recursos;
- a possibilidade de ser trabalhado em interdisciplinaridade e intradisciplinariedade;
- a capacidade de mudar comportamentos;
- a possibilidade de ser inovador e adaptado;

- a possibilidade de ser usado num Universo alargado de alunos permitindo chegar a todos os alunos, uma vez que as turmas são heterogéneas – foi salientada especificamente a questão da língua em que os materiais são disponibilizados;

- o conhecimento na utilização de meios tecnológicos.

Foram, também sugeridas as seguintes recomendações:

- que os educadores estejam envolvidos na preparação do material, na medida do possível;
- que o material seja partilhado entre os colegas;
- que se suscite motivação e formação aos destinatários antes destes utilizarem este material.

De forma muito sumária poder-se-ia dizer ser necessário cumprir-se a regra dos 4 Ts: Tema; Tempo; Turma; Tecnologia

Secundário – Grupo de Trabalho 1

Facilitador: Vítor Nogueira

Materiais Apresentados (Apresentações em Anexo):

Ser Político à tua Medida – CGE/FGS

http://www.educacaoparatodos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=15

Pessoa Responsável pela apresentação: Mariana Hancock

Moodle Escola Mundo - Instituto Marquês de Valle Flôr

www.escolamundo.org

Pessoa Responsável pela apresentação: Jacinta Sousa

Dossier Comércio Justo – CIDAC / Mó de Vida

www.cidac.pt

Pessoa Responsável pela apresentação: Lina Afonso

Debate

Conclusão:

- Foram apresentados e discutidos exemplos do desenvolvimento de produtos/recursos pedagógicos facilitadores da promoção da Educação para o Desenvolvimento (ED).
- Os recursos apresentados estão inseridos num contexto específico promotor de uma educação de qualidade para o pleno desenvolvimento humano. Definem claramente os destinatários, público-alvo e objetivos pedagógicos.
- Os critérios para o desenvolvimento dos conteúdos são facilmente identificáveis e permitem a ligação com outras atividades ou campanhas de complementaridade da cidadania ativa e do direito à educação. São flexíveis, promotores de boas práticas, permitem a

autonomia e sustentabilidade.

- Tem uma abordagem interativa, utilizando métodos de aprendizagem com recurso a metodologias ativas e participativa, promotoras de um pensamento multidimensional. Tem um design atrativo e uma linguagem adaptada.
- Apesar do sucesso destes produtos, parece consensual a necessidade de uma melhor adequação ao tempo escolar. É necessário encontrar uma dinâmica com os educadores/ utilizadores no sentido de elaborar/validar os materiais e criar mecanismos mais eficazes para perceber/avaliar o alcance das atividades.

Preocupação:

- Conforme ficou expresso nestas Jornadas, e em acordo com a “Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento”, o Estado mantém o compromisso de promover a consolidação da ED no setor da educação formal em todos os níveis de educação, ensino e formação, contemplando a participação das comunidades educativas. A Escola, deve por isso desenvolver através de processos de aprendizagem e de sensibilização, competências de cidadania de atitudes promotoras para um desenvolvimento humano sustentável.
- A recente publicação do Despacho 17169/2011, que põe termo ao Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais e ao ensino por competências, salientando os conteúdos como elemento determinante do processo de ensino-aprendizagem. Afirma-se no documento que:

“O currículo nacional deve definir os conhecimentos e as capacidades essenciais que todos os alunos devem adquirir e permitir aos professores decidir como ensinar de forma mais eficaz, gerindo o currículo e organizando da melhor forma a sua atividade letiva. Assim,

deverá dar-se aos professores uma maior liberdade profissional sobre a forma como organizam e ensinam o currículo. Em paralelo, deverá ser feita uma avaliação mais rigorosa sobre o resultado do seu trabalho e do da escola, primordialmente através da avaliação dos conhecimentos adquiridos pelos alunos”. (sublinhado nosso)

- Assim, serão definidas os conhecimentos e as capacidades essenciais, mas a avaliação centrar-se-á nos conhecimentos e não é feita qualquer referência às atitudes, quer no que diz respeito ao seu desenvolvimento quer relativamente à sua avaliação.
- Há que esperar pelos “documentos clarificadores das prioridades dos conteúdos fundamentais dos programas” e evidentemente, participar na “discussão pública prévia à sua aprovação” mas, subsiste a preocupação de como não trair esta estratégia de que o Ministério (Estado) é responsável?.

Secundário – Grupo de Trabalho 2

Facilitadora: Margarida Alvim

Materiais Apresentados (Apresentações em Anexo):

Jogo de Comércio Justo - Instituto Marquês de Valle Flôr/CIDAC
www.imvf.org

Pessoa Responsável pela apresentação: Ana Isabel Castanheira

Kit Didático Cinema ODM - Oikos

http://www.oikos.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=464&Itemid=115

Pessoa Responsável pela apresentação: Joana Dias

Website Planeta Vida – VIDA

<http://planetavida.org/>

Pessoa Responsável pela apresentação: Patrícia Maridalho

57

Debate

Decorrente da análise dos Projetos de Educação para o Desenvolvimento - Jogo de Comércio Justo (IMVF/CIDAC), Kit Didático Cinema ODM (Oikos) e Website Planeta Vida (VIDA) – procederam-se às seguintes recomendações, com base em 2 P’s – atuação possível e progressiva:

Materiais/Actividades

- Adequação da linguagem e das imagens dos diferentes conteúdos de ED ao público-alvo (alunos) em todos os níveis de escolaridade;

Atores

- Promoção e implementação de uma cultura transversal de Cidadania abrangente a todas as áreas da Sociedade – particular incidência em ED;

- Envolvimento de professores e alunos na preparação e teste de materiais de ED, antes da sua aplicação alargada;

- Construção e reconhecimento da ED em toda a comunidade educativa de forma a ter sempre efeitos multiplicadores – independentemente dos atores incluídos num determinado período de tempo, de forma a minimizar o trabalho anual de “(re)lançamento” formativo de novos possíveis professores e diretores;

- Reforço da integração da ED nos curricula (para além das orientações do Ministério da Educação) em todos os níveis de Ensino;

- Equilíbrio no estabelecimento de contactos entre as ONGD e as escolas (para além dos diretores, diálogo alargado a professores e outros agentes educativos, ...);

- Sistematização e divulgação da informação sobre ED (na construção, atualização e disseminação de recursos) online através de um mecanismo de articulação do Ministério da Educação /IPAD / ONGD;

- Sistematização e divulgação da informação sobre ED (na construção, atualização e disseminação de recursos) online – articulação do Ministério da Educação /IPAD / Plataforma Portuguesa das ONGD/ ONGD;

- Sistematização e divulgação das experiências educativas sobre ED pelos professores.

- Inclusão da ED nos curricula da Formação de Professores em todos os níveis de Ensino – da Pré-Escolar ao Ensino Superior.

- Promover e acautelar o retorno sistemático das Escolas sobre o impacto do material utilizado (levantamento de dificuldades, limitações, potencialidades, ...);

- Alargamento de atores em ED (outras instituições – associações diversas, agrupamento de escuteiros, corpo de bombeiros, instituições religiosas, ...);

- Estabelecimento de uma fidelização e compromisso de utilização dos recursos, fator muito importante de avaliação no reeditar de materiais;

- Continuação da estratégia de apoio das ONGD às escolas no planeamento e dinamização de atividades;

Avaliação_

Participantes

Apesar de apenas cerca de metade (68) dos participantes ter devolvido as fichas de avaliação, as opiniões foram unânimes quanto à pertinência e importância da temática desta segunda edição das Jornadas de ED. No que se refere aos painéis, e de uma forma geral, os participantes gostaram, sublinhando a qualidade dos oradores, mas deixaram, simultaneamente, algumas sugestões para as próximas jornadas, nomeadamente no que se refere à gestão do tempo, à existência de mais exemplos práticos e à opção por um menor número de intervenções, para que seja possível um debate mais alargado e a partilha das conclusões.

Em relação aos grupos de trabalho, a qualidade da discussão e a partilha de experiências foram destacadas, bem como o papel dos facilitadores na dinamização dos debates. A melhorar numa próxima edição está, de acordo com as avaliações dos participantes, o tempo disponível para as discussões em grupo que, desta vez, foram algo penalizadas por serem muitos os temas sob escopo em cada grupo e por haver um tempo reduzido para os trabalhos em grupo.

O formato das Jornadas e a data escolhida (um sábado) foram outros aspetos que mereceram uma apreciação positiva dos participantes, deixando, contudo, uma sugestão no sentido de haver um maior esforço na divulgação deste tipo de eventos pelas escolas de todo o país.

Em termos logísticos, a opção por uma outra disposição da sala, nomeadamente para ganhar maior capacidade e ter uma melhor visibilidade, foi referida algumas vezes, bem como algumas queixas relativas ao serviço de coffee-break disponível.

Em suma, os participantes demonstraram ter saído satisfeitos deste

encontro e com vontade de continuar o seu importante trabalho de promoção da Educação para o Desenvolvimento nas escolas e organizações a que pertencem.

Facilitadores Grupos de Trabalho

Os facilitadores consideraram que o tempo dedicado aos grupos de trabalho não foi o suficiente, mas que todos os grupos tiveram discussões muito participadas e que a gestão do tempo foi bem feita. A metodologia utilizada foi também referida pela positiva uma vez que “facilitou a leitura horizontal e vertical”. Como aspeto menos positivo, foi salientada a falta de preparação dos facilitadores que falhou nalguns casos pela falta de conhecimento prévio dos materiais que dificultou a preparação da sessão.

Todos os facilitadores foram unânimes em considerar que o espírito entre apresentações e entre participantes foi bom tendo sido feitas muitas questões por parte dos professores.

Foi clara a necessidade de as organizações deverem continuar a procurar as escolas e se possível fazerem visitas presenciais. Bem como reforçarem o trabalho interdisciplinar nas várias disciplinas. Dos comentários dos facilitadores salienta-se também a necessidade de uma maior reflexão sobre os critérios de aplicação e construção de materiais.

Comissão Organizadora

A Comissão Organizadora considerou a realização das Jornadas um feito muito positivo, tendo todas as organizações envolvidas dado um ótimo feedback. A boa afluência às Jornadas, cujo número de inscritos superou todas as expectativas, e o ambiente construtivo e cooperante existente entre participantes e organizadores foram considerados extremamente positivos

Considerou-se que a parte da manhã foi muito interessante e que da

parte da tarde, apesar de se ter tido a perceção que os participantes gostariam de debater os recursos durante mais tempo, a gestão de tempo foi bem-feita e o formato planeado foi o indicado.

Um aspeto que também foi salientado como positivo foi o facto de as Jornadas terem proporcionado um acesso aos recursos pedagógicos produzidos pelas ONGD e uma maior divulgação dos mesmos.

Um aspeto menos positivo foi a pouca adesão das ONGD à participação nas Jornadas e sobretudo a falta de participação de outros atores da sociedade civil que apesar de não serem ONGD também trabalham com escolas.

Conclusões/Recomendações_

Comunicações

- A elevada participação nestas Jornadas de docentes de todo o país, dos diferentes níveis de educação e ensino, é um sinal claro da pertinência da Educação para o Desenvolvimento (ED) nas escolas portuguesas e da sua vitalidade.
- A formação de professores em Educação para o Desenvolvimento reveste-se da maior importância, uma vez que os docentes são o principal veículo impulsor e transmissor de informação e conhecimentos para as crianças e jovens sobre as questões do Desenvolvimento.
- As crises globais financeira, ambiental, política, de segurança humana e económica apontam para a necessidade de reforço da literacia económica global, da solidariedade e da compreensão da opinião pública, relativamente ao modo como funciona o mundo.
- O conceito de cidadania não se restringe hoje aos vínculos de pertença a uma comunidade nacional, implicando e responsabilizando também cada indivíduo relativamente à diversidade de condições de vida nas diversas regiões do mundo.
- A Educação para o Desenvolvimento alarga e adequa a Educação para a Cidadania a um mundo interdependente e global.
- A colaboração estabelecida entre escolas e outras organizações revela o potencial que resulta da confluência de entidades com diferentes perfis, desenvolvendo atividades que, de outro modo, seriam muito difíceis de realizar, atingindo objetivos mais abrangentes e garantindo continuidade à abordagem da ED na escola.

- A formação e o desenvolvimento profissional dos docentes pressupõem a vivência em contextos de reflexão sobre a sua prática, a partilha de experiências educativas e a planificação transversal de temas de Educação para o Desenvolvimento.

- A Educação para a Cidadania Global promove uma transformação progressiva nos valores, atitudes e comportamentos dos nossos alunos e alunas, enquanto cidadãos conscientes da complexidade do mundo e participativos na construção de uma sociedade mais justa, equitativa e solidária.

Grupos de Trabalho

Construção de Recursos educativos

- A conceção de material didático passa necessariamente pela determinação de um público-alvo específico (nomeadamente a idade) e dos contextos em que vai ser utilizado.
- A determinação de um público-alvo para os materiais exige a adequação dos conteúdos, da linguagem e das imagens a esse público, evitando necessariamente a reprodução de estereótipos.
- Os materiais têm como objetivo a promoção da reflexão, através da disponibilização de informação e de propostas de atividades, claras e exequíveis que, sempre que possível, se possam traduzir em produtos.
- Nos materiais, os conteúdos devem ser apresentados de forma a poderem ser trabalhados por diversas disciplinas ou áreas do saber e sempre que possível de forma transdisciplinar.
- A equipa de elaboração de materiais tem de incluir saberes pedagógicos (ex. envolver docentes) para além dos conhecimentos sobre Desenvolvimento e saberes tecnológicos (quando necessários).
- Na fase de elaboração, a testagem dos materiais numa amostra de crianças ou jovens que constituam o público-alvo e nos contextos em

que se prevê que venham a ser utilizados (ex. sala de aula), constitui uma garantia de qualidade.

- Se a construção de material for desenvolvida de forma participada pelos docentes em diversas fases da sua conceção pode assegurar uma melhor adequação às condições de utilização nas escolas.

- O sucesso da aplicação dos materiais exige previamente que estes abordem temas socialmente relevantes, tenham uma forte componente de apoio aos docentes e promovam metodologias ativas e participativas.

- As propostas de atividades devem promover o trabalho dos alunos e alunas, em equipa, uma atitude colaborativa entre os e as professores/as e o estabelecimento de parcerias entre escolas.

- Os materiais devem ser concebidos de forma a poderem ser utilizados em contextos de aprendizagens formais e não formais.

- Sempre que se pretenda reeditar um material, de entre os indicadores de avaliação para a tomada de decisão, deve figurar a garantia do interesse por parte de escolas na sua futura utilização.

- A organização e divulgação, numa plataforma, dos materiais pedagógicos de ED já existentes pode ser uma maneira de torná-los acessíveis a todos os docentes.

Contextos de aplicação de recursos

- A aplicação dos materiais exige que os e as docentes sejam pessoas informadas e motivadas relativamente às temáticas de ED.

- A aplicação dos materiais pressupõe que o/a docente motive, antecipadamente, os/as alunos/as para as temáticas que vão trabalhar ou os motive através dos próprios materiais.

- Na utilização dos materiais, os docentes das diversas disciplinas ou áreas do saber, devem organizar o conhecimento numa perspetiva de

Educação para o Desenvolvimento, de forma a garantirem a unidade e o sentido das aprendizagens.

- A escolha, por parte dos docentes, de material de Educação para o Desenvolvimento para utilização junto dos alunos/as, deve ter em consideração:

- os objetivos da intervenção pedagógica;
- a pertinência e o domínio das temáticas abordadas;
- a adequação da linguagem, e das imagens aos/às alunos/as;
- as potencialidades informativas e de reflexão dos materiais;
- a capacidade das propostas de atividade para promoverem o envolvimento, a interação e a participação dos/as alunos/as;
- a capacidade dos docentes e dos/as alunos/as de utilizarem os meios tecnológicos inerentes ao material.

- Antes de aplicar o material o/a docente, ao preparar as sessões de trabalho, deve colocar-se do ponto de vista dos alunos de forma a identificar antecipadamente os conhecimentos, os materiais e condições de trabalho necessários à realização das atividades propostas, assim como as dúvidas que podem surgir e as formas de exploração das situações de aprendizagem.

- A aplicação de qualquer material exige que os/as docentes os adequem ao contexto em que os vão utilizar, nomeadamente: selecionando, complementando ou adequando as atividades ao grupo de alunos/as e ao tempo atribuído e estabelecendo articulações com outras aprendizagens.

- No âmbito da Educação para a Cidadania, a ED implica, necessariamente, o desenvolvimento de conhecimentos, capacidades, atitudes e valores, em todos os processos de aprendizagem.

- A partilha entre os docentes de material de ED contribui para a afirmação desta dimensão da Educação para a Cidadania na escola.

- A Educação para o Desenvolvimento pressupõe o reforço da integração dos conteúdos de ED nos programas das disciplinas e nas atividades promovidas pelos docentes.

- A aplicação de material nas escolas pode ser melhor sucedida se houver um trabalho de enquadramento, sensibilização e formação aos e às docentes, por parte das organizações responsáveis pela construção dos recursos.

- Do processo de utilização dos materiais, deve a escola proceder ao retorno sistemático da experiência junto da organização responsável pela sua produção (levantamento de dificuldades, limitações, potencialidades, recomendações...).

- O trabalho articulado entre as escolas e outras entidades promotoras de Educação para o Desenvolvimento (ex. ONGD), potencia a qualidade da intervenção, pelo que ambas as partes devem ser ativas na procura destas parcerias.

- O enraizamento do trabalho colaborativo entre as organizações da sociedade civil e as escolas passa pelo envolvimento dos docentes, de outros agentes educativos e da direção do agrupamento, em atividades que integrem o Projeto Educativo de Escola.

- A sistematização e divulgação das experiências educativas de ED, às outras escolas e parceiros, é uma condição necessária à sua consolidação.

- A formação inicial de professores, em todos os níveis de educação e ensino, deve incluir a formação em Educação para a Cidadania, incluindo a dimensão de Educação para o Desenvolvimento, por se tratar de uma componente do currículo.

- Os Centros de formação de professores podem ter um papel importante na formação contínua em ED. A criação de redes entre os Centros que oferecem formação nesta área pode potenciar os recursos e facilita a reflexão sobre as diferentes perspetivas.

- Os projetos e atividades desenvolvidos pelas escolas devem contribuir para promover e aprofundar, uma cultura educativa, organizativa e relacional a que presidam os princípios de Cidadania Democrática e de Direitos Humanos numa perspetiva global.

- A intervenção em ED não se deve limitar às escolas e à intervenção dos docentes mas deve ser alargada a outros contextos e atores nomeadamente, associações juvenis, agrupamento de escuteiros, corpos de bombeiros...

Anexos_

Anexo II - Lista de Participantes

Anexo II - Lista de Materiais Apresentados

Anexo III - Apresentações dos Materiais dos Grupos de Trabalho